



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

José Wilton dos Santos Pacheco Lima

**AS TRAMAS DO LUGAR NOS PONTOS DA RENDA DE BILRO
EM SÃO SEBASTIÃO - ALAGOAS**

Maceió - AL

2024

José Wilton dos Santos Pacheco Lima

**AS TRAMAS DO LUGAR NOS PONTOS DA RENDA DE BILRO
EM SÃO SEBASTIÃO - ALAGOAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Organização Socioespacial e Dinâmicas Territoriais.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alfredo Telesde Carvalho

Maceió - AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Betânia Almeida dos Santos CRB-4 – 1542

L732t Lima, José Wilton dos Santos Pacheco.

As tramas do lugar nos pontos da renda de Bilro em São Sebastião -
Alagoas /José Wilton dos Santos Pacheco Lima. – 2024.
115 f.: il. color.

Orientador: Antonio Alfredo Telesde Carvalho.
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Programa de Pós-
graduação em Geografia. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 79-83.
Anexos: f. 84-115.

1. Renda de bilro – São Sebastião (AL). 2. Renda de bilro – cultura.
3. Economia local. 4. Geografia humanista. 5. Artesanato I. Título.

CDU: 911.3:746.22 (813.5)



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – MESTRADO**

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO FINAL

Em sessão pública, no dia 28 (vinte e oito) de novembro de 2024, às 15:00h, na sala virtual acessada através do link <https://meet.google.com/hay-aeef-pnj>, deu-se início à defesa de dissertação final do Programa de Pós-Graduação em Geografia (mestrado), com Área de Concentração em Organização do Espaço Geográfico, linha de pesquisa: Organização Socioespacial e Dinâmicas Territoriais, do aluno José Wilton dos Santos Pacheco Lima, orientando do Prof. Dr. Antônio Alfredo Teles de Carvalho, intitulada: “As tramas do lugar nos pontos da renda de bilro em São Sebastião – Alagoas”, como requisito para a obtenção do título de **Mestre**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes docentes: Prof. Dr. Antônio Alfredo Teles de Carvalho (PPGG/UFAL), presidente da banca; Prof.^a Dr.^a Maria Francineila Pinheiro dos Santos (PPGG/UFAL), membro titular interno; e como convidado externo o Prof. Dr. Jefferson Rodrigues de Oliveira (NEPEC/UERJ). A defesa constituiu de uma apresentação oral de 30 minutos (trinta) minutos, seguida de inquirições para cada um dos examinadores e das respostas, e foi assistida pelas pessoas que se fizeram presentes. Ao final, a Banca Examinadora reuniu-se reservadamente e decidiu em atribuir ao conteúdo do trabalho e à defesa a menção: **Aprovação**, com base no art. 63 do Regimento Interno do Curso. Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrada a defesa, sendo a presente ata assinada pelos componentes da Banca Examinadora.

Pareceres da Banca Examinadora conforme art. 63 e seus parágrafos do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Parecer 1:



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – MESTRADO**

Prof. Dr. Jefferson Rodrigues de Oliveira (NEPEC/UERJ) – Titular Externo

Obs.: Caso o espaço disponível não seja suficiente, favor utilizar outra folha em branco devidamente assinada.

Aos meus avós, Rita Maria dos Santos e
José dos Santos, é dedicado este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Sou profundamente grato a Santíssima Trindade e Nossa Senhora Aparecida, pela força e orientação ao longo desta jornada. Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Alfredo Teles de Carvalho, pela dádiva de tê-lo como mentor e amigo de todas as horas. Sua paciência, parceria e compreensão foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e principalmente pessoal. Tive o privilégio de ser seu aluno na graduação e hoje, como seu orientando no mestrado deste Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), sou eternamente grato por cada ensinamento, que transcende o campo acadêmico e ressoa na minha vida pessoal.

Lembro com carinho que, na Universidade Estadual de Alagoas – Uneal (Campus I), o senhor me “batizou” como - menino de São Sebastião. Este apelido ficou guardado em minhas memórias, registrado em um memorial acadêmico, e segue presente em minha trajetória desde o momento em que nos reencontramos no mestrado do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (Igdema) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Quero deixar claro, meu querido orientador, que você me salvou de muitas situações, e por isso, sou-lhe imensamente grato.

Aos meus amigos de curso e companheiros de vida, expresso minha sincera gratidão: Renan Rosas, José Anderson, Ingrid Marcelino, Clara Patrício, Pedro Araújo, Pedro Nunes, Robson Almeida, Clevisson Silva, Dhiego Medeiros, Laís Góis e Bruno Leandro. Estendo meus agradecimentos também aos professores desta unidade, em especial aos professores Kleyton Monteiro, Nivaneide Alves, Melchior Carlos, Maria Francineila e Avelar Araújo.

Não poderia deixar de mencionar meus amigos de infância, com quem cresci e celebro cada conquista: Karine Sadoque, Shislany Karine, Junior Pereira, Camylla Sadoque e Kellyane Silva. Juntos, seguimos firmes, comemorando as vitórias e superando as dificuldades.

Agradeço também aos queridos amigos da Uneal: Rutylene, Telyanne, Laiane, Levy, Venicius e Mídia. Um agradecimento especial à Profa. Dra. Ângela Leite (Uneal – Campus I), que foi fundamental para o meu ingresso no mestrado e me estimulou a seguir este caminho. Sou igualmente grato aos meus companheiros de trabalho, que me acolheram e me apoiaram em momentos desafiadores: Sandra Ribeiro, Teresa Dantas, Jaqueline Maria, Patrícia Torjal, Geanne Patrícia, Luciene Pereira, Marcos

Suel e Luana Barbosa, não poderia deixar de mencionar, meu guia espiritual, o Pároco Edinaldo Silva – que em momentos bons e desafiadores muito me guiou e auxiliou na organização de meus pensamentos para retomada do controle de qualquer situação.

Sou imensamente grato aos meus familiares, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio e compreensão em todas as fases da minha vida. Agradeço, de forma especial, à minha tia-mãe, Sandra Santos, cujo legado de vida se tornou um verdadeiro guia para mim. Ela é a minha maior inspiração, um exemplo de mulher guerreira e professora dedicada há 30 anos. Sem dúvida, é a melhor amiga, mãe, madrinha e primeira professora que eu poderia ter, obrigado pelo carinho, paciência e amor incondicional. Também sou grato à minha irmã, Emilly Maria, e às minhas sobrinhas, Allana Maria e Maria Emilly.

Aos meus avós maternos, em memória – Rita Maria dos Santos e José dos Santos – agradeço por cada momento que passei com eles. O carinho e a preocupação de minha avó, e o zelo de meu avô, que me aguardava na porta de casa após longas jornadas universitárias, foram fundamentais para minha formação e para o meu equilíbrio emocional.

Embora laudas e mais laudas sejam insuficientes para descrever meu carinho, apreço e admiração por todos que me apoiaram nesta caminhada, quero registrar com orgulho que sou neto de pedreiro e de uma dona de casa, ambos analfabetos, mas que nunca deixaram faltar nada em minha vida. A partida, mesmo que fúnebre, é uma das fases inevitáveis da existência. Entender o luto é essencial, pois são momentos de introspecção que, com o tempo, se tornam mais fáceis de enfrentar.

Expresso também minha gratidão ao corpo técnico do PPGG, em especial ao especialista em Gestão e Desenvolvimento Universitário, Washington Narciso Gonçalves, e a Larissa Jatobá Aroucha, pela gentileza, eficácia e dedicação em cada processo. O PPGG é privilegiado pela presença de profissionais tão competentes.

Agradeço ainda pelo apoio e fomento concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), através do Programa Especial de Bolsas de Pós-Graduação, no período de junho de 2022 a fevereiro de 2024.

A página de agradecimentos é, sem dúvida, uma das mais complexas de se escrever, pois são muitos os parceiros e parceiras de vida que nos auxiliam, nos estimulam e nos dão forças para seguir em frente. Agradeço a todos, mesmo que não os tenha mencionado diretamente, mas que estão sempre em meu coração.

Agradeço, também, à Banca Examinadora pela compreensão e pela

disponibilidade em examinar e estimular novas provocações em relação a esta dissertação: Profa. Dra. Maria Francineila Pinheiro Dos Santos (Examinadora Interna – PPGG/UFAL) e Prof. Dr. Jefferson Rodrigues de Oliveira (Examinador Externo – UERJ).

E, para finalizar, cito as palavras de Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, que tanto me emocionaram e acompanharam ao longo desta trajetória:

"Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de Sinha Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava." (Ramos, Graciliano, 2013).

Identifico-me especialmente com o trecho do abraço, que, apesar das adversidades, foi capaz de revigorar as forças de Fabiano. Tenho plena certeza de que, assim como ele, recebo o abraço acolhedor de cada um de vocês, que me deram forças em meio a tantas situações difíceis. Como disse, felizmente, uma pessoa querida, "são situações que você não pode se entregar, mas, sim! Reagir, desmistificar tudo e prosseguir." E, como Graciliano diz, "resistiram à fraqueza".

O lugar é um centro de significado construído pela experiência. É conhecido não apenas através dos olhos e da mente, mas também através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem à objetificação.

- Tuan (2018, p. 5-6)

RESUMO

LIMA, José Wilton dos Santos Pacheco. **As tramas do lugar nos pontos da renda de bilro em São Sebastião – Alagoas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

O estado de Alagoas possui um rico acervo cultural, material e imaterial que mesclam elementos de origens indígena, africano e europeu. Em meio a essa diversidade cultural, chama a atenção a arte manual que resulta da prática das rendeiras em diferentes partes do território alagoano. Nesse sentido, buscou na presente dissertação, analisar a cultura da renda de bilro no município de São Sebastião, localizado na Região Geográfica Imediata de Arapiraca (Agreste alagoano), destacando a intrínseca relação dessa prática com o lugar. Para o seu desenvolvimento mostrou-se necessário uma discussão do lugar como categoria de análise geográfica numa perspectiva humanística. Assim, o diálogo com autores como Tuan (1983), Buttner (2015), Relph (2014) e Mello (1991), foram essenciais, visando uma melhor compressão do processo analisado, aportado numa abordagem centrada na hermenêutica. Os procedimentos metodológicos utilizados foram pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. Constatou-se que a renda de bilro se apresenta como uma atividade de expressiva tradição em São Sebastião, se constituindo na maior referência cultural da antiga Salomé. Contudo, só recentemente o poder público municipal vem empenhando maiores esforços no sentido de divulgar essa arte, o que também deve passar pela valorização das verdadeiras protagonistas desse processo, que são as rendeiras. Seguindo esse percurso, foi possível analisar a representatividade cultural assumida pela cultura da renda de bilro, ao ponto de se tornar uma referência desse lugar chamado São Sebastião.

Palavras-chave: Lugar; São Sebastião, renda de bilro.

ABSTRACT

LIMA, José Wilton dos Santos Pacheco. **As tramas do lugar nos pontos da renda de bilro em São Sebastião – Alagoas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

The state of Alagoas has a rich cultural heritage, both material and immaterial, that combines elements of indigenous, African and European origins. Amidst this cultural diversity, the manual art that results from the practice of *rendeiras* in different parts of the Alagoas territory draws attention. In this sense, this dissertation sought to analyze the *renda de bilro* culture in the municipality of São Sebastião, located in the Immediate Geographic Region of Arapiraca (Agreste Alagoano), highlighting the intrinsic relationship of this practice with the place. For its development, a discussion of the place as a category of geographic analysis from a humanistic perspective was necessary. Thus, the dialogue with authors such as Tuan (1983), Buttimer (2015), Relph (2014) and Mello (1991) was essential, aiming at a better understanding of the analyzed process, supported by an approach centered on hermeneutics. The methodological procedures used were bibliographical research, documentary research and field research. It was found that *renda de bilro* is an activity with a significant tradition in São Sebastião, constituting the greatest cultural reference of the old Salomé. However, only recently has the municipal government been making greater efforts to promote this art, which must also involve valuing the true protagonists of this process, who are the *rendeiras*. Following this path, it was possible to analyze the cultural representation assumed by the *renda de bilro* culture, to the point of becoming a trademark of São Sebastião, and the importance of such culture for this place.

Keywords: Place; São Sebastião, bobbin lace.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Praça da Feira da Vila de Salomé – 1959	24
Figura 2: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha – 1959	25
Figura 3: Praça Senador Rui Palmeira – 1983	28
Figura 4: Portal de Entrada de São Sebastião	29
Figura 5: Letreiro de São Sebastião	30
Figura 6: Capa do livro A renda de bilros e sua aculturação no Brasil – 1948	33
Figura 7: Carta de Duílio Ramos para Arthur Ramos – 1949	34
Figura 8 e 9: Carta de Tales de Azevedo para Arthur Ramos – 1949	36
Figuras 10, 11, 12 e 13: Rendeiras fazendo a renda de bilros por Luiza e Arthur Ramos – 1948	38
Figura 14: Produção de Renda no Brasil	39
Figura 15: Almofada com estrutura completa	48
Figura 16: Bilro utilizado na Escola da Renda	49
Figura 17: Almofadas de renda sem cobertura	52
Figura 18: Almofada de renda completa	52
Figura 19: Almofadas com cobertura de chita	53
Figura 20: Etapas de confecção da renda de bilros	53
Figura 21: Molde ou pique, feito à base de papelão	54
Figura 22: Molde ou pique pronto para ser utilizado	55
Figuras 23 e 24: Renda meia-volta e Renda Flor	56
Figuras 25 e 26: Renda relógio e Renda folha ou pétala	56
Figuras 27, 28 e 29: Renda estrela, Renda seis traças e Renda Dôra	57
Figuras 30, 31 e 32: Renda viúva, Renda jasmim e Renda fita	57
Figuras 33, 34 e 35: Renda quatro traças, Bico de Pombo e Bico Enganja	58
Figuras 36, 37 e 38: Renda Mestre Clarice, Renda tipo flor de Clarice e Bico feito no ponto de Clarice	58
Figura 39: Desenho de Mestre Clarice Severiano	59
Figura 40: Mestre Júlia dos Santos	61
Figura 41: Escola de Rendas na Secretaria Municipal de Cultura	67
Figura 42: Central da Renda de São Sebastião – Alagoas	68
Figuras 43, 44 e 45: Peças disponíveis na Central da Renda	68
Figuras 46 e 47: Almofadas em miniaturas e item de decoração	69

Figura 48: Associação das Rendeiras	70
Figura 49: Foto das rendeiras reunidas na Associação das Rendeiras	70
Figura 50: São Sebastião - Portal de boas-vindas	74
Figura 51: Colcha de renda de bilro	75

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização de São Sebastião – AL	17
Mapa 2: Expansão de São Sebastião (1972-2016)	27
Mapa 3: Localização das rendeiras de São Sebastião	51

LISTA DE QUADRO

Quadro 1: Localização das rendeiras de São Sebastião	50
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

Alagoas - AL

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Companhia de Eletricidade de Alagoas – CEAL

Companhia de Abastecimento de Água e Saneamento do Estado de Alagoas – CASAL

Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC

Fundação Nacional de Artes – FUNARTE

Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas – SBRT

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE

Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa – SECULT

Registro do Patrimônio Vivo - RPV

SUMÁRIO

SÃO SEBASTIÃO – ALAGOAS: AS TRAMAS DO LUGAR NOS PONTOS DA RENDA DE BILRO

LINHAS INICIAIS	17
1 SÃO SEBASTIÃO – ALAGOAS: OS ENTRELACES DA LINHA E DO LUGAR.....	22
1.1 O fio a fio da construção de um lugar chamado Salomé.....	23
1.2 Na busca de um ponto europeu, o encontro com um ponto nordestino.....	29
2 A ALMOFADA, O BILRO E A RENDA: o mundo das rendeiras salomeenses.....	41
2.1 Fios que se cruzam e revelam o lugar	42
2.2 Cruzando linhas e fazendo arte nas terras bastianenses	48
3 NO BATER DOS BILROS, A MARCA DE UM LUGAR.....	60
3.1 Uma batida que ecoa tradição.....	61
3.2 O epítome do lugar.....	74
LINHAS FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	79
ANEXOS – ENTREVISTAS	84

LINHAS INICIAIS

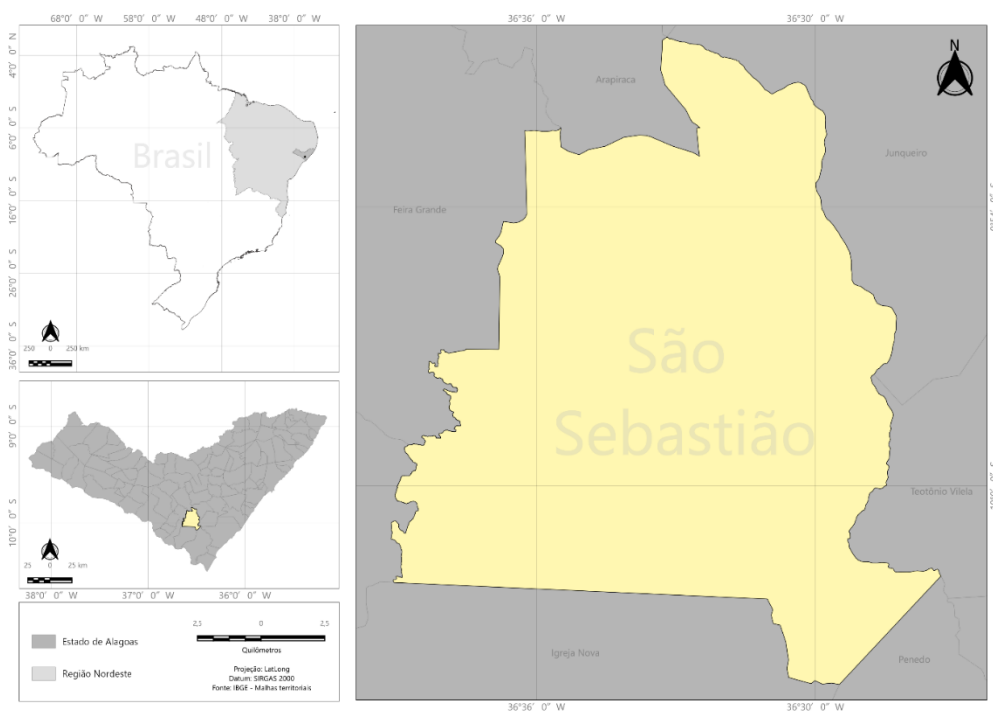
Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação [...], mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação.

(Tuan, 1983, p. 421)

O estado de Alagoas possui um rico acervo cultural, material e imaterial, frutos do sincretismo entre elementos de distintas origens: como os povos indígenas, afrodescendentes e europeus. Entretanto, em meio a grande variedade cultural, chama atenção a arte manual desenvolvida a partir de práticas temporais e atemporais com valores, costumes e crenças, herdados de suas gêneses e produzidos de diferentes formas em cada localidade.

Nesse contexto, destaca-se a cultura da renda de bilro, produzida pelas artesãs do município de São Sebastião, localizado na Região Geográfica Intermediária de Arapiraca, e sua intrínseca relação com o lugar, que a evidencia como uma marca desse.

Mapa 1: Localização de São Sebastião – AL



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Assevera Tuan (1983), que para entender o lugar faz-se necessário considerar o tempo e o espaço, a partir de sua indissociabilidade. Ou seja, para investigar as relações da renda de bilro na construção do lugar, torna-se necessário compreender essa indissociabilidade.

Os lugares são marcados por aspectos relacionados diretamente a sua história, memórias, narrativas e a sua cultura, dentre outros. Portanto, constituindo "uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais. [...] Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos" (Tuan, 1983, p. 203). Com efeito, o lugar é marcado de significados, construídos individualmente ou por grupos sociais, capazes de irradiar culturas.

Dessa forma, justificam-se os esforços em realçar a importância do artesanato da renda de bilro em São Sebastião, relacionado as suas origens nas terras alagoanas. Uma herança ligada as origens do lugar, e consequentemente de muitas famílias tradicionais, que compõem a partir da poesia das mãos no fazer das linhas e bilros. Resultando nas rendas, intensas em suas expressões artísticas e de sentimentos, que revelam o pertencimento das artesãs enquanto marca do lugar.

Nesse caminhar, a compreensão do lugar como categoria de análise geográfica se faz necessária. Para tanto, o diálogo com autores como Tuan (1983), Buttner (2015), Relph (2014) e Mello (1991), tem se mostrado promissor na sua discussão, visando uma melhor compressão do processo analisado em São Sebastião.

Portanto, corroborando com o resgate dessa tradição e chamando a atenção à sua importância e se constituir na maior referência cultural da antiga Salomé. Só recentemente o poder público municipal vem empenhando maiores esforços no sentido de divulgar essa arte. Entretanto há a necessidade de igualmente, valorizar o labor e a incansável dedicação das verdadeiras protagonistas desse processo, que são as rendeiras. E ainda, desenvolver atividades eficazes visando repassar de forma sistemática, a arte da renda de bilro às novas gerações, e dessa maneira mantendo a tradição dessa importante marca do município.

Consonante com esses apontamentos, se propõe como objetivos da investigação:

Objetivo geral

Analisar a cultura da renda de bilro partir do município de São Sebastião, no

Agreste alagoano e a sua relação com o lugar à luz da Geografia Humanística, numa perspectiva hermenêutica.

Objetivos específicos

1. Investigar o processo de formação territorial de São Sebastião no contexto histórico alagoano;
2. Contextualizar as origens e a expansão da cultura da renda de bilro em São Sebastião;
3. Demonstrar a representatividade cultural assumida pela renda de bilro ao ponto de se tornar uma marca de São Sebastião;
4. Discutir as imbricações das rendeiras e a arte por elas produzidas com o seu lugar.

A pesquisa em pauta se propõe ainda, a responder as seguintes questões:

- Quais as relações dos artesãos da renda de bilro com o lugar?
- Como as referências do lugar se fazem presentes na arte das rendeiras?
- Como os cidadãos apreendem essa relação?

A pesquisa, foi realizada a partir de uma perspectiva hermenêutica tomando-a como método de pesquisa, considerando sua valia a partir do entendimento, compreensão e interpretação que são possibilidades propostas pela dinâmica deste método.

O presente trabalho de mestrado intitulado como *As tramas do lugar nos pontos da renda de bilro em São Sebastião – Alagoas*, está estruturado em três capítulos, cujo arranjo sequencial contribuem para o alcance dos objetivos propostos.

O I Capítulo consiste numa apresentação da área de estudo, da gênese do objeto e dos seus entrelaces. Dessa forma, estará dividida em dois itens. No primeiro item, através da metáfora “fio a fio”, tratar-se-á do processo de formação da então Salomé que posteriormente tornou-se São Sebastião. Portanto, revisita e analisa fundamentos históricos, geográficos e culturais, para compreender a cidade atual, entendida e concebida como lugar. Nesse sentido, o conceito de lugar que balizará todo trabalho, é discutido sobretudo, a partir de autores como Tuan (1983), Buttimer (2015), Relph (2014) e Mello (1991), considerando a abordagem humanística por estes

desenvolvida.

No segundo item, “Na busca de um ponto europeu, o encontro com um ponto nordestino”, faz-se uma contextualização das origens da cultura da renda de bilro em São Sebastião. Trata das primeiras referências do ponto europeu de herança colonial portuguesa, à construção de um ponto que se tornaria caracteristicamente nordestino, onde aflora as subjetividades de cada artesã. Revelando marcas desse recanto do Agreste de Alagoas. Revelando o lugar. Revelando Salomé. Revelando São Sebastião e os seus entrelaces com a arte das rendeiras.

O II Capítulo versa sobre as rendeiras salomeenses. No primeiro item, “Fios que se cruzam e revelam o lugar”, é discutido o universo dessas mestras, as experiências por elas vivenciadas e como estas se refletem na sua arte. É analisada a sua relação com o trabalho da renda.

O item seguinte, intitulado “Cruzando linhas e fazendo arte nas terras bastianenses” mostra como essa cultura exala histórias, estórias e muita imaginação, em cada peça produzida. Fruto de momentos de introspecção e de comunhão com o seu “universo particular” e que denotam realizações e incertezas. Estas, muito se devem as preocupações em relação a continuidade da sua arte por gerações futuras, considerando a falta de incentivos consistentes da parte do poder público. Elas próprias e suas descendentes é que vêm assumindo esse papel. Passando de mãe às filhas, netas e bisnetas. Um legado que vem sendo passado hereditariamente, que expressa não apenas formas, mas sentimentos, poesia, feita com linha e dotada de significado e simbologias.

O III Capítulo trata da consolidação da arte da renda de bilro em São Sebastião, constituindo uma arte na qual a cidade se vê. Trata da efetiva relação entre a antiga Salomé e a arte que nasce dos enlaces da linha e o bater dos bilros de madeira.

Portanto, mostra-se a afirmação do lugar, concreto, experienciado, vivido, na escala da cidade, com foco no material levantado no campo com os cidadãos, com o poder público e com as artesãs da renda de bilro. Nesse momento estar-se-á retomando a passagem de Tuan (1983) utilizada inicialmente como epígrafe: “todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humana”.

Encerrando com a análise da relação do salomeense com a arte, e esta com o lugar. Bem como os esforços das próprias rendeiras e do poder público municipal (ainda tímidos) na implantação de entidades como a “A Central da Renda”, a “Casa da Cultura” e a criação de condições estruturais à produção da renda. Revelando assim, como a renda de bilro se constitui numa marca indelével do lugar. Ou, dito de outra forma, o epítome do lugar.

I Capítulo

SÃO SEBASTIÃO – ALAGOAS: OS ENTRELACES DA LINHA E DO LUGAR



1.1 O fio a fio da construção de um lugar chamado Salomé

A geografia jamais se portou de forma indiferente às representações espaciais nas suas análises e, conseqüentemente, na intensa representação que o lugar, como categoria geográfica carrega consigo, considerando as suas nuances, objetividades e subjetividades. Sob a perspectiva humanística, as subjetividades são particularmente analisadas por propiciar um debate que vai além da materialidade. No caso da investigação desenvolvida, buscou-se seguir essa tessitura a partir da arte e do lugar, evocando a linha, elemento primordial à feitura da renda de bilro, prática artesanal que se constitui numa marca da pequena cidade alagoana de São Sebastião.

Localizada no Agreste de Alagoas – Região Geográfica Imediata de Arapiraca, São Sebastião tem a sua origem no povoado de Salomé no século XVII, e está intrinsecamente ligada ao processo de ocupação da região e a prática das atividades agropecuárias ali praticadas. Por ser um ponto estratégico fazia parte de uma rota comercial de tropeiros, entre Palmeira dos Índios, nas portas do Sertão Alagoano e Penedo, às margens do Rio São Francisco. “A origem do nome veio da união de ‘sal e mel’ [...], produtos transportados e comercializados pelos tropeiros que ali descansavam.” (Ferreira, 2021, p. 47).

O tropeirismo, importante fenômeno histórico, social e cultural, que desde o período colonial contribuiu de modo significativo para o comércio do Brasil, foi essencial para o crescimento de Salomé. Os tropeiros transportavam mercadorias variadas, além do sal e do mel, no lombo de burros, mulas e cavalos.

Vale observar que na literatura, o tropeirismo é comumente vinculado a região das Minas. Contudo, é certo que bem antes, já era uma prática corrente na porção nordeste do país, no período correspondente ao ciclo do açúcar. Em Alagoas, o tropeirismo ganha força a partir da comercialização de gêneros alimentícios básicos e intensifica-se com o crescimento da produção algodoeira. Conforme destacando anteriormente, a rota mais movimentada estava entre Palmeira dos Índios e Penedo, e entre as duas cidades, estava o povoado de Salomé, um importante entroncamento e ponto de pouso dos tropeiros.

Referências antigas identificadas no Jornal do Penedo e no Almanak da Província de Alagoas, ambos da segunda metade do século XIX, mostram que vários

dos atuais povoados e distritos do município de São Sebastião, a exemplo de Estrada Nova, Povoado Serra e o distrito Lagoa Seca, são anteriores a Salomé que foi elevada à categoria de Vila através do Decreto Estadual nº 39 de setembro de 1890, pertencente a Triunfo (atual município de Igreja Nova). Segundo registros da Prefeitura Municipal de São Sebastião, a então Salomé possuía importância não apenas pela localização estratégica e favorável a estadia permanente ou provisória, mas também pelas terras férteis.

Segundo dados da Enciclopédia dos Municípios (IBGE, 1959), no recenseamento de 1950 tinha uma população de 2.478 habitantes, ocupando cerca de 350 domicílios; possuía quatro estabelecimentos de ensino primário, uma pequena hospedaria e três panificações, ultrapassando Igreja Nova (antiga Triunfo), então sede municipal. A fotografia a seguir é ilustrativa desse período, revelando feições muito característica da vila, onde sobressai as casas comerciais, geralmente de três portas e sem janelas.

Figura 1: Praça da Feira da Vila de Salomé – 1959



Fonte: Enciclopédia dos Municípios (IBGE, 1959).

Abaixo da árvore, chama a atenção a presença de tropeiros e seus animais que firmavam pouso na Vila de Salomé. Este espaço atualmente denominado de Praça da Feira, diz muito da origem da cidade, e mesmo com todas as mudanças nas suas

formas, se mantém como um importante ponto de comércio (feira) do Agreste Alagoano. Outro registro, igualmente emblemático desse período, é a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha, centro da vida religiosa, que mantém a sua forma original, conforme pode ser observado na fotografia abaixo.

Figura 2: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha – 1959



Fonte: Enciclopédia dos Municípios (IBGE, 1959).

De acordo com a Enciclopédia dos Municípios (IBGE, 1959), em meados de 1956 já havia registro de 52 ligações elétricas fornecida por um gerador que funcionava até às 22 horas, e que segundo registros da Prefeitura Municipal de São Sebastião (Santos, 2023, p.10), ficava estrategicamente localizado no centro da Vila Salomé.

O crescimento da vila em relação a outras das circunvizinhanças despertou um grupo de residentes, dentre os quais Adalberto de Araújo Lessa (Didi), Bráulio Miguel da Silva, José Pacheco da Silva e Cláudio de Carvalho Alves a articular a emancipação da Vila de Salomé do município de Igreja Nova.

Entre 1958 e 1959, foi iniciado o movimento de emancipação quando o vereador Adalberto de Araújo Lessa, popularmente conhecido como Didi, apresentou um requerimento na Câmara Municipal de Igreja Nova, solicitando a realização de um plebiscito, com o objetivo de ouvir a população e colher cerca de mil assinaturas dos moradores para demonstrar o seu interesse pela emancipação.

A mobilização em busca destas assinaturas foi viabilizada a partir de uma folha de papel pautado sob a responsabilidade de Bráulio Miguel da Silva que com o auxílio de outras lideranças assumiu a empreitada. Diante das dificuldades encontradas, decorrentes do posicionamento contrário de parte dos moradores, foram obtidas aproximadamente quinhentas assinaturas. Este resultado levou os interessados no processo de emancipação a buscarem outra estratégia, recorrendo ao governo estadual e deputados.

Diálogos foram estabelecidos com o governador Sebastião Marinho Muniz Falcão, implicando em inúmeros deslocamentos das lideranças locais pela emancipação até a capital, Maceió. Muitos desses deslocamentos se deram por meio de caminhão viabilizados pelas influências de Didi (Adalberto de Araújo Lessa) e de Leobino José do Nascimento. Os encontros com o governo e políticos como os deputados estaduais Oseas Cardoso, Tarcísio de Jesus e João Malta Tavares. Estes dois últimos, eram fortes lideranças com atuação na cidade de Junqueiro e região. Contudo, o governador mostrava resistências à emancipação política de Salomé.

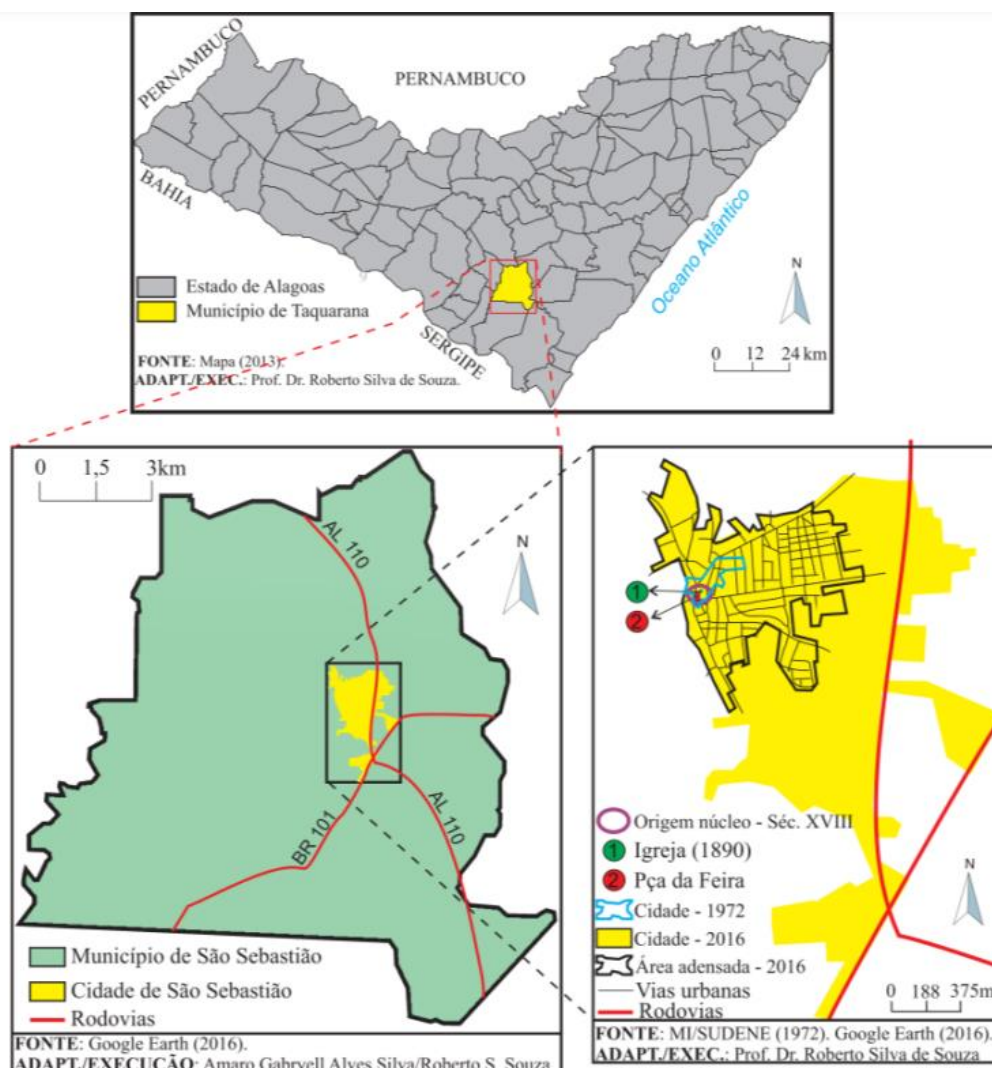
Uma das alegações por parte do governador era a reduzida população local e o conseqüente número de eleitores, considerado pequeno para tomada de tal decisão. Naquele momento o número de eleitores era de apenas cento e oitenta pessoas. Contudo, a insistência e os acordos por parte dos líderes locais resultaram na sonhada emancipação política de Salomé.

Em 31 de maio de 1960, foi criado oficialmente o município de São Sebastião, quando o Governador Sebastião Muniz Falcão, sancionou a Lei Estadual nº 2.229, que desmembrou Salomé do município de Igreja Nova. Em 22 de julho de 1960, Salomé, ascendeu legalmente a condição de município, mudando o seu nome para São Sebastião.

A partir dos anos de 1970, através das ações da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, as informações sobre São Sebastião, o processo de expansão da cidade, dentre outros elementos importantes, passa a ser mais realizados de forma mais eficiente. O que antes era uma exclusividade do IBGE. A imagem a seguir, é bastante representativa dessa realidade. Vale observar a expansão do sítio urbano e o conseqüente crescimento das suas vias entre os anos de 1972 e 2016, considerando-se ainda, a área adensada e o cruzamento da AL 110 com a BR 101, formando um importante entroncamento que remete a localização

estratégica da antiga Salomé.

Mapa 2: Expansão de São Sebastião (1972-2016)



Fonte: Amaro e Souza, 2016.

Na verdade, alguns registros fotográficos da década de 1980 já mostram as transformações conhecidas por São Sebastião, desde a sua emancipação. Economicamente, a agricultura de subsistência cresceu com o cultivo do feijão, do milho, e especialmente da mandioca e do amendoim, associada a um pequeno comércio que ainda se assentava no tropeirismo.

Figura 3: Praça Senador Rui Palmeira – 1983



Fonte: IBGE, 2018.

A fertilidade das terras chamou a atenção de criadores e agricultores de outras regiões, descobrindo-se sua vocação para a agricultura (IBGE, 2018). Ainda segundo dados do IBGE da vida em São Sebastião, que os

[...] proprietários de terra asseguravam o desenvolvimento do comércio, os escravos nas festas difundiam viola e o berimbau. As mulheres distraiam-se jogando bilros e de suas mãos habilidosas surgiram belíssimas rendas. O que até hoje caracteriza o município como “terra das rendas de bilro”. (IBGE, 2018, p. 8).

Chama a atenção na citação, a importância atribuída a cultura da renda de bilro e como esta, desde então, passou a se constituir em uma marca de São Sebastião, e cuja a origem e desenvolvimento, será tratada no item a seguir.

1.2 Na busca de um ponto europeu, o encontro com um ponto nordestino

“As mãos que trabalham são as mãos que libertam. São as mãos que trazem o alimento e a vida. Mãos que sabem o toque do barro, do algodão, da linha e da agulha. Mãos que desenham no escuro a arte de criar e de viver”, escreveu Cora Coralina, no seu belo poema “As mãos” (1993, p. 40). Tivesse vivido em São Sebastião ou mesmo em Alagoas, a “Senhora das Palavras”, da cidade de Goiás certamente teria feito referência as mãos habilidosas que jogam os bilros e de onde saem tão lindas e apreciadas rendas.

Conforme visto em citação do item anterior, a presença das rendeiras tem importância significativa na cultura de São Sebastião, e a arte que sai das suas mãos repercute para além dos limites da antiga Salomé e do estado de Alagoas. Não é por acaso que a cidade tem no seu portal de entrada esse registro, bem como a escultura de uma almofada com os bilros (figuras 4 e 5).

Figura 4: Portal de Entrada de São Sebastião



Fonte: LIMA, J. W. S. P, 2024.

A prática de fabricação artesanal da renda em Alagoas desde o período escravocrata é retratada por alguns autores clássicos alagoanos. Dentre eles, Diégues Jr. Na obra “Artesanato brasileiro: rendas”, (Diégues Jr., 2006, p. 223), ao delimitar as atividades inerentes ao sexo masculino e ao sexo feminino naquele período, destaca o autor que senhoras e escravas destinavam sua rotina às artes, atividades de delicadeza, sendo estas a partir de seu bom andamento, consideradas “donas prendadas”. Práticas como as rendas, os labirintos, os crochês, a música, o

canto, revelavam a sofisticação e sutileza presente nos lares.

Por outro lado, os trabalhos de renda das mucamas, cada uma com sua almofada ao colo, eram acompanhados da figura das suas senhoras, que visavam o aumento da produção dessa arte, aponta Diegues Júnior (2006, p. 223). E acrescenta, que dentre as artes domésticas a renda foi talvez a mais característica nos engenhos alagoanos.

Figura 5: Letreiro de São Sebastião



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2024.

Tratando dessa arte especificamente em São Sebastião, o que se conhece é através da tradição e dos relatos orais que apontam para diversas possibilidades no que se refere a sua origem. Contudo é comum ouvir das rendeiras mais experientes que tudo começa com os povos originários e se intensificou com as mulheres que acompanhavam os tropeiros. Alinhado de alguma forma a esta explicação, na obra ABC das Alagoas, constata-se que

Entre 1750 e 1800 o cacique de uma tribo da nação Açonas, que vivia na região de Porto Real do Colégio, raptou Ana Margarida de Barros, filha de um rico português que veio para Alagoas fugindo da seca de Sergipe. O índio e a branca viveram por muito tempo em Salomé, atual S. Sebastião, e se casaram religiosamente, em Penedo. (Barros, 2005, p. 206).

Esta menção é muito incorporada aos munícipes atuais de São Sebastião, alinhando a provável hipótese de que, a renda de bilro, tenha iniciado seus primeiros pontos a partir da chegada da mulher branca portuguesa. Presumindo-se, portanto, que esta, em conformidade com o que foi destacado anteriormente por Diegues Júnior (2006, p. 223), teria sido uma senhora prendada e dotada da habilidade de tecer rendas de bilro.

Posteriormente, e conforme o crescimento de Salomé ocorria, tenham outras mulheres a época, sido cativadas por tal ofício, repassando seus ensinamentos de geração em geração, alicerçando no povoado a cultura da rendeira, cultura que marca o lugar, como destacado no IBGE (2018) e passa a ser conhecida também, como terras a renda de bilro.

Segundo Luz (2016, p. 19) a renda de bilro, também chamada de bilrros ou birros, surgiu em meados do século XV, na Bélgica, e posteriormente se expandida pela Europa, especialmente na Itália e França, até chegar a Portugal e ao arquipélago dos Açores. Assim, teria chegado até a Ilha de Santa Catarina através dos açorianos, no século XVIII. Porém, não se sabe ao certo, uma data precisa em que tal fato teria acontecido. De toda forma, assinala Diegues Jr. (1986, p. 9), que o artesanato da renda encontra-se fundamentalmente vinculado à presença da mulher como elemento de atuação cultural, quase sempre voltada às atividades artesanais em todos os povos.

É comum a figura feminina, centrada na matriarca da família, o zelo e o cuidado com os menores de idade, mas que também têm os momentos das práticas manuais, do artesanato, e a consequente aproximação destes com esta herança. Produzindo assim, de forma voluntariamente ou não, a manutenção da arte manual. Segundo Martins (1973, p. 24), a aproximação e a prática entre as crianças asseguram a continuidade a estas práticas, por que são bem mais espontâneas e apegadas as tradições que outros membros da comunidade.

O desenvolvimento dessa prática entre as mulheres também passa a representar alguma renda familiar, e igualmente se constitui em um passatempo diante da rotina doméstica. Porém, fazer renda em São Sebastião vai além. É um ofício dotado de valores e significados, afora a visibilidade na terra das mulheres rendeiras de bilro.

Felippi (2021), em *Decifrando Rendas*, analisa algumas variedades de rendas,

e afirma que,

As rendas estão envoltas em uma aura que mistura admiração e curiosidade por estarem relacionadas à raridade de alguns itens, à beleza, à complexidade de produção e ainda por adornar roupas suntuosas do passado e do presente. Por conta disso, tornaram-se objetos tão valorizados na sociedade que passaram a ser colecionáveis e valiosos para museus e colecionadores particulares. (Felippi, 2021, p. 55),

Sobre o processo de confecção da renda e o desenho que ela poderá originar, Felippi (2021, p. 61) mostra que seu desenho pode ser formado por um único módulo ou pela repetição de módulos, onde estão inseridos os elementos formais. O processo de confecção das rendas pode ser manual ou industrial. Logo, esses elementos que são oriundos de matérias-primas diversas, podem ser utilizados, como por exemplo, fios de fibras naturais ou manipuladas – químicas, estes conferem uma gama de aspectos visuais e principalmente táteis.

Outros autores, investigadores do tema vão seguir o mesmo percurso no que diz respeito a conceituação do seu objeto de estudo. Ou seja, a renda. Para Catellani (2003, p. 681) a renda é um tecido leve e transparente de malha aberta fina e delicada, formando desenhos variados pelo entrelaçamento de fios de algodão, seda, ouro ou prata.

Drummond (2006), no estudo sobre cultura e trabalho das rendeiras da Prainha de Aquiraz, no Ceará, assinala que os primeiros estudos sobre renda foram feitos pelo casal Arthur e Luíza Ramos, em Alagoas e afirma que o Nordeste é o grande produtor de rendas, em especial as de bilro. Destaca os estados de Pernambuco, Piauí, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte na produção dessa arte. Para Maia (1986, p. 23), a

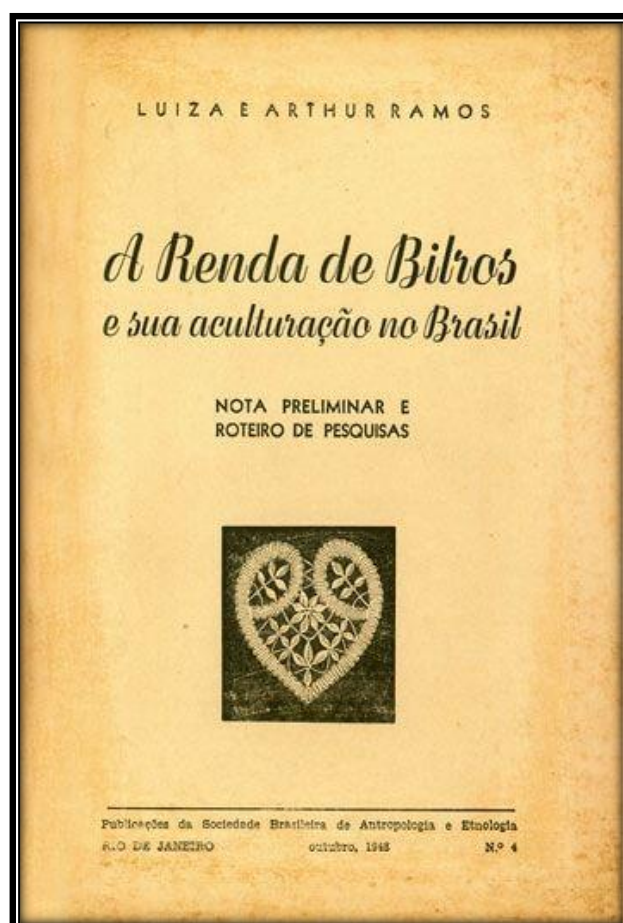
renda é a obra na qual um fio, conduzido por uma agulha, ou vários fios, conduzido por uma agulha, ou vários fios, trançados por meio de bilros, engendram um tecido e produzem combinações de linhas análogas às que o desenhista obtém com o lápis.

Certamente, o conceito desenvolvido por Arthur e Luíza Ramos foi desenvolvido a partir das suas vivências sobretudo em Maceió, na cidade de Pilar, na Zona da Mata de Alagoas e áreas adjacentes. A coleção dos Ramos, constituída por aproximadamente 1.700 itens, pertencentes à Universidade Federal do Ceará, é de grande importância e pode ser vista em exposição na Casa de José de Alencar, em Fortaleza.

Um outro importante acervo é o de Lucy Niemeyer, exposto no Museu da Moda e Têxtil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Apesar de ser composto por um número bem menor, apenas 201 itens, dizem respeito a diversos tipos de rendas (digitalizados e que encontram-se disponíveis no site próprio do museu). Vale destacar que em exposições temporárias em espaços culturais e museus, podem ser vistas as mais variadas tipologias de rendas para apreciação, e observação dos perfis das linhas artísticas, da história, da moda e artigos têxteis, através das roupas e adornos.

A notoriedade e repercussão do trabalho de Luíza e Arthur Ramos a respeito da renda de bilros, pode ser identificada através das correspondências trocadas com importantes nomes da cultura brasileira e seus contemporâneos, quase sempre fazendo referência ao livro “A renda de bilros e sua aculturação no Brasil – nota preliminar e roteiro de pesquisas”, publicado pela Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia em 1948 (Figura 6).

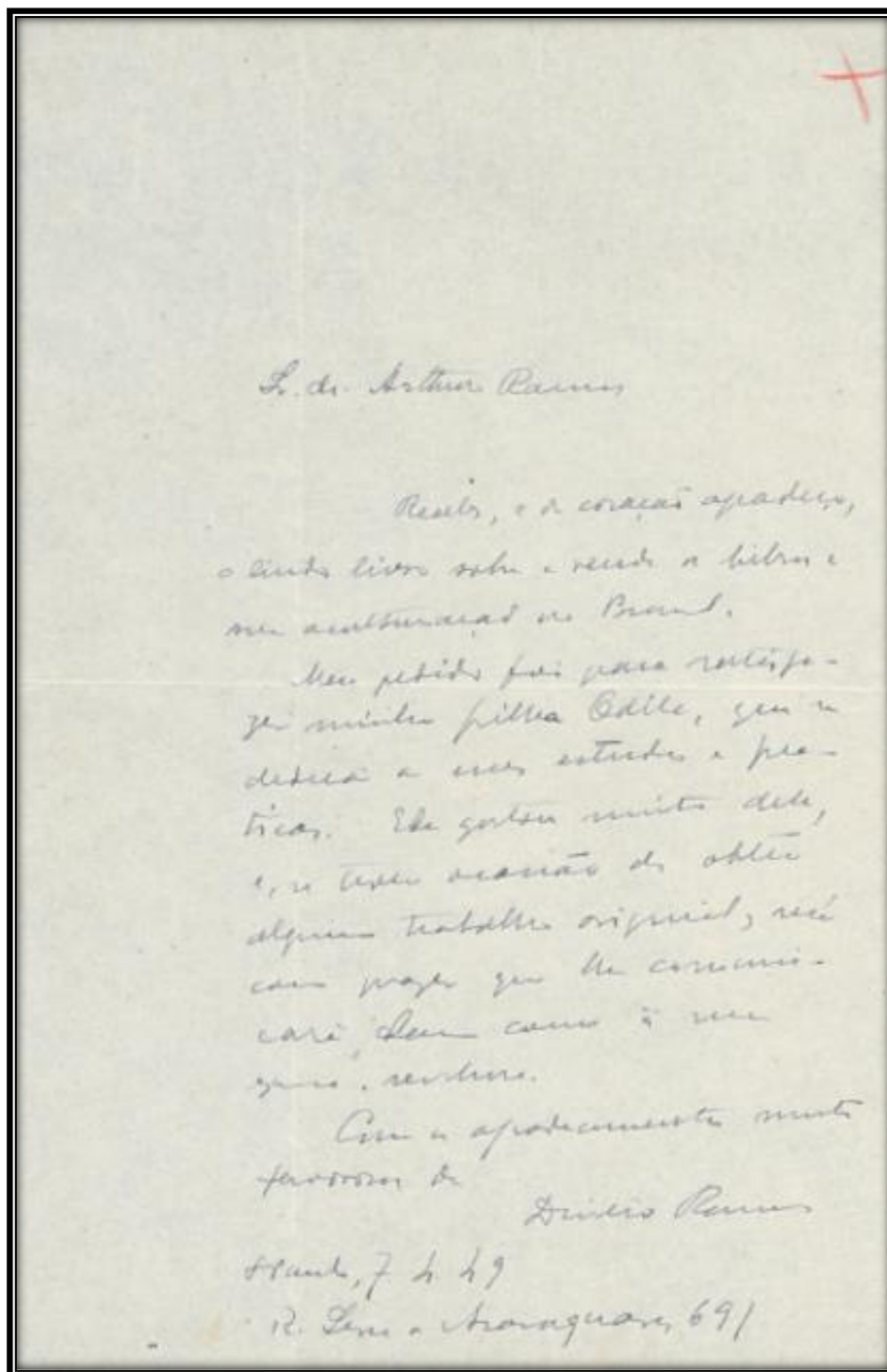
Figura 6: Capa do livro A renda de bilros e sua aculturação no Brasil – 1948



Fonte: Biblioteca Digital Luso-Brasileira

Em correspondência enviada a Arthur Ramos, em 07 de abril de 1949 (Figura 7), Duílio Ramos¹ agradece ao antropólogo e médico alagoano, enaltecendo a obra recebida.

Figura 7: Carta de Duílio Ramos para Arthur Ramos – 1949



Fonte: Biblioteca Digital Luso-Brasileira

¹ Nascido em 1890, formou-se pela Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1931. É autor de "História da Civilização Brasileira", de 1964 e de livros didáticos. Foi professor da Universidade Católica de Campinas e de escolas normais do estado de São Paulo. Fonte: <https://lemad.fflch.usp.br/node/1255>

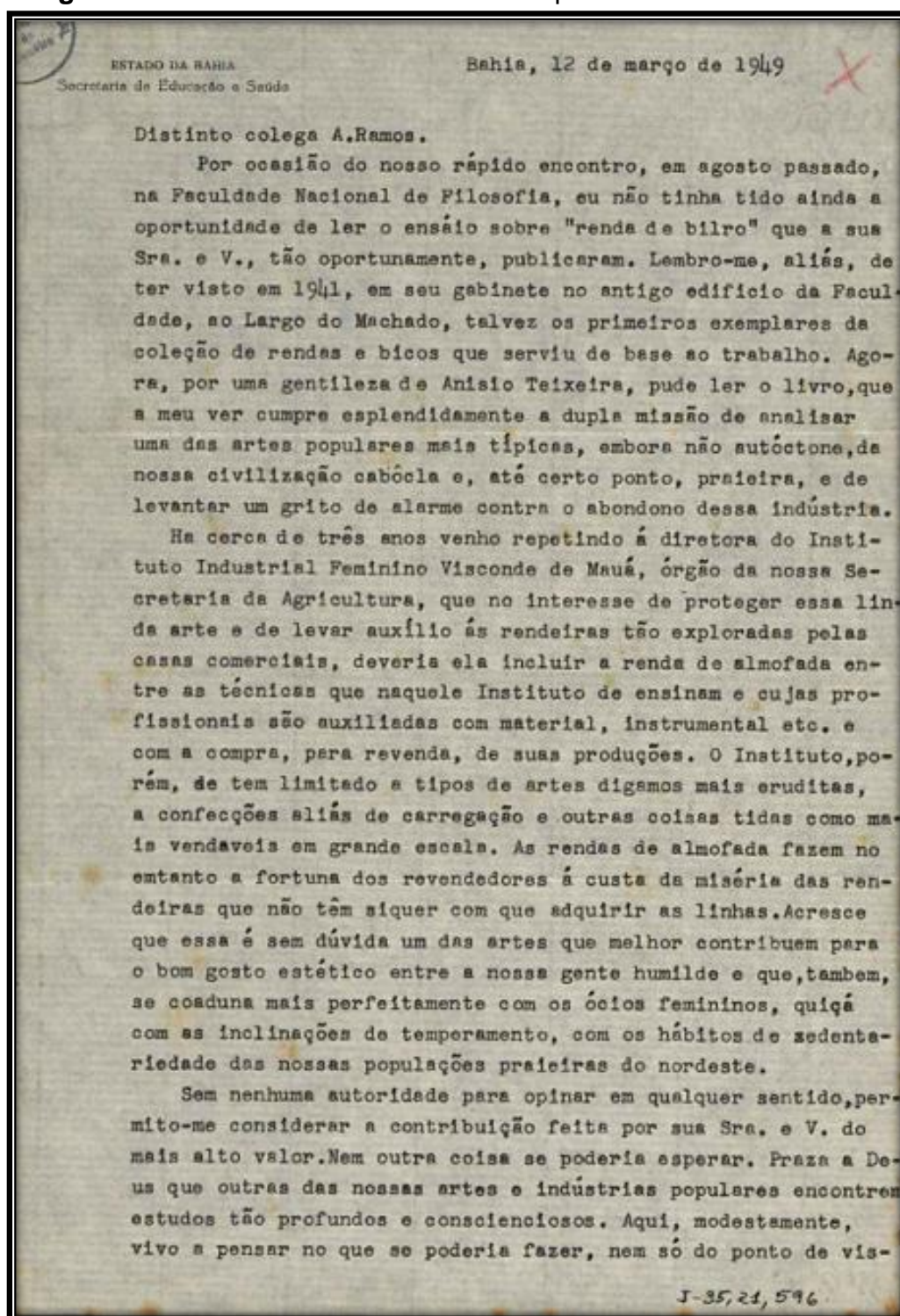
Uma outra correspondência a ser destacada, é de Thales de Azevedo² (Figuras 8 e 9), datada de 12 de março de 1949. Nesta, o médico e antropólogo baiano comenta a importância da obra escrita por Arthur Ramos e sua esposa, Luiza Ramos, ressaltando que a mesma “cumpre esplendidamente a dupla missão de analisar uma das artes populares mais típicas, embora não autóctone, da nossa civilização cabôcla, e até certo ponto, praieira, e de levantar um grito de alarme contra o abandono dessa indústria”. Também trata do seu “interesse de proteger essa linda arte e de levar auxílio às rendeiras tão exploradas pelas casas comerciais”.

Sempre é importante reafirmar que este diálogo diz muito da representatividade e da contribuição de Arthur e Luíza Ramos para os trabalhos sobre a produção de renda, de diferentes tipos, no Brasil. As coleções mostradas são ricas em seus acervos, compostas por itens que trazem toda aura firmadas em cada linha tecida, considerando a subjetividade que as rendeiras e rendeiros depositam neste artesanato, dispendo de horas, dias, meses ou anos para finalizar peças magníficas, agregando aspectos históricos, sociais, culturais, de identidade e porque não, das memórias, logo, facilitam a entonação da sociedade que interagiu com estes objetos.

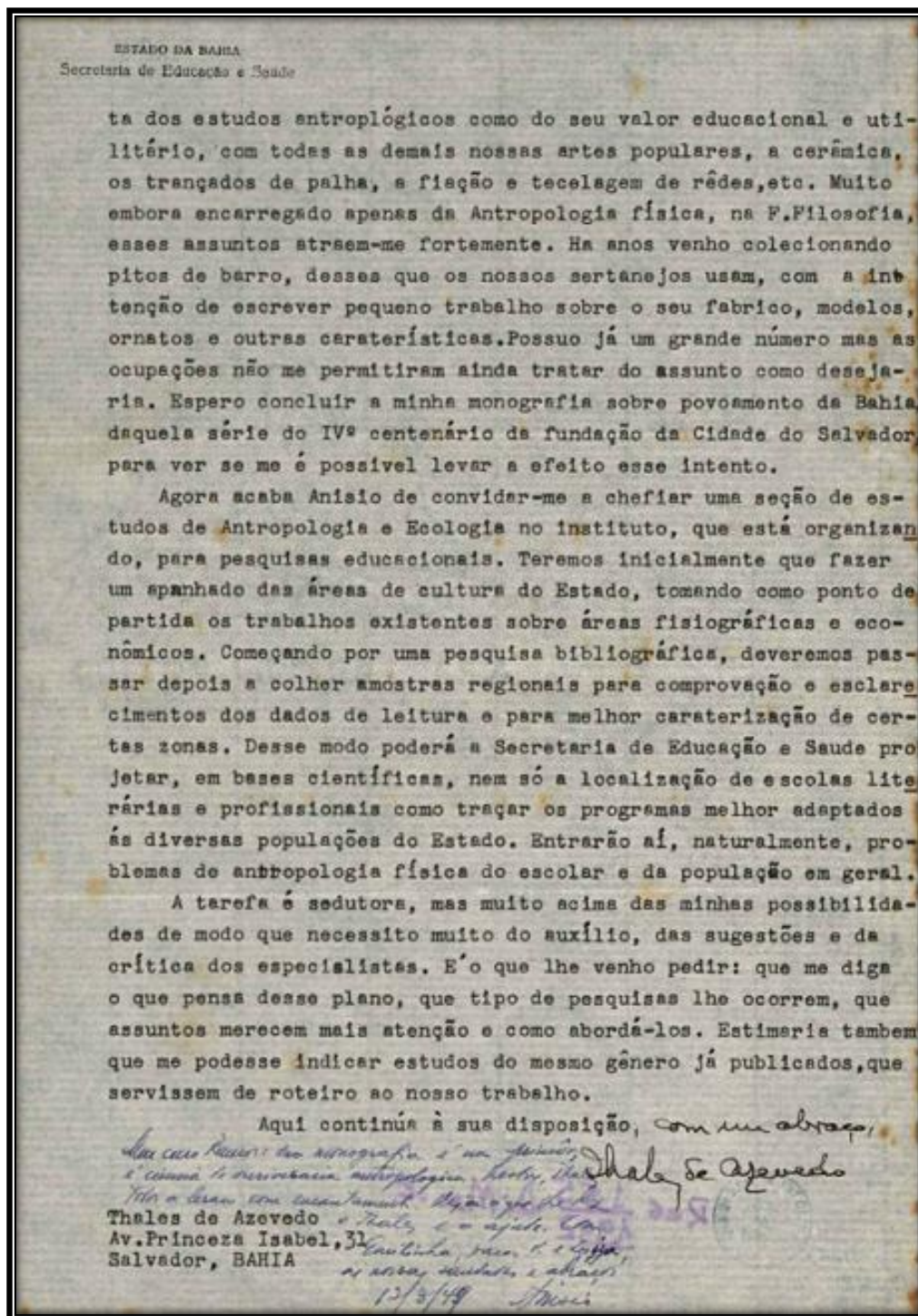
Segundo dados do IBGE (2015), são aproximadamente, 395 cidades e municípios produtores de rendas, em suas diversas técnicas, distribuídas do norte ao sul de todo o território brasileiro, com maior concentração em zonas do litoral. Ainda de acordo com o IBGE (2015), o sucesso e valor das rendas estão vinculados a tradição do fazer artesanal, associado a elementos estéticos e luxuosos que conferem a este produto um olhar diferenciado. No mapeamento realizado por Felippi (2013), percebemos que as rendeiras estão presentes nas diversas regiões do Brasil, mas encontram-se centradas no Nordeste e em estados como Rio de Janeiro e Santa Catarina.

² Nascido em Salvador, 1904/1995, Thales Olympio Góes de Azevedo foi médico sanitário por mais de três décadas e professor catedrático de Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Publicou trabalhos em medicina, história, antropologia brasileira, relações inter-étnicas, imigração e aculturação de italianos no Rio Grande do Sul, sociologia do catolicismo popular, relações Estado-Igreja, ideologias e “caráter nacional” brasileiro, questões de ensino e pesquisa e temas do cotidiano.

Figura 8 e 9: Carta de Tales de Azevedo para Arthur Ramos – 1949



Continuação



Fonte: Biblioteca Digital Luso-Brasileira

As figuras a seguir (10, 11, 12 e 13) dispostas de forma original na obra do casal Ramos, mostra mulheres rendeiras bem características, confeccionado a renda de bilros.

Figuras 10, 11, 12 e 13: Rendeiras fazendo a renda de bilros por Luiza e Arthur Ramos – 1948

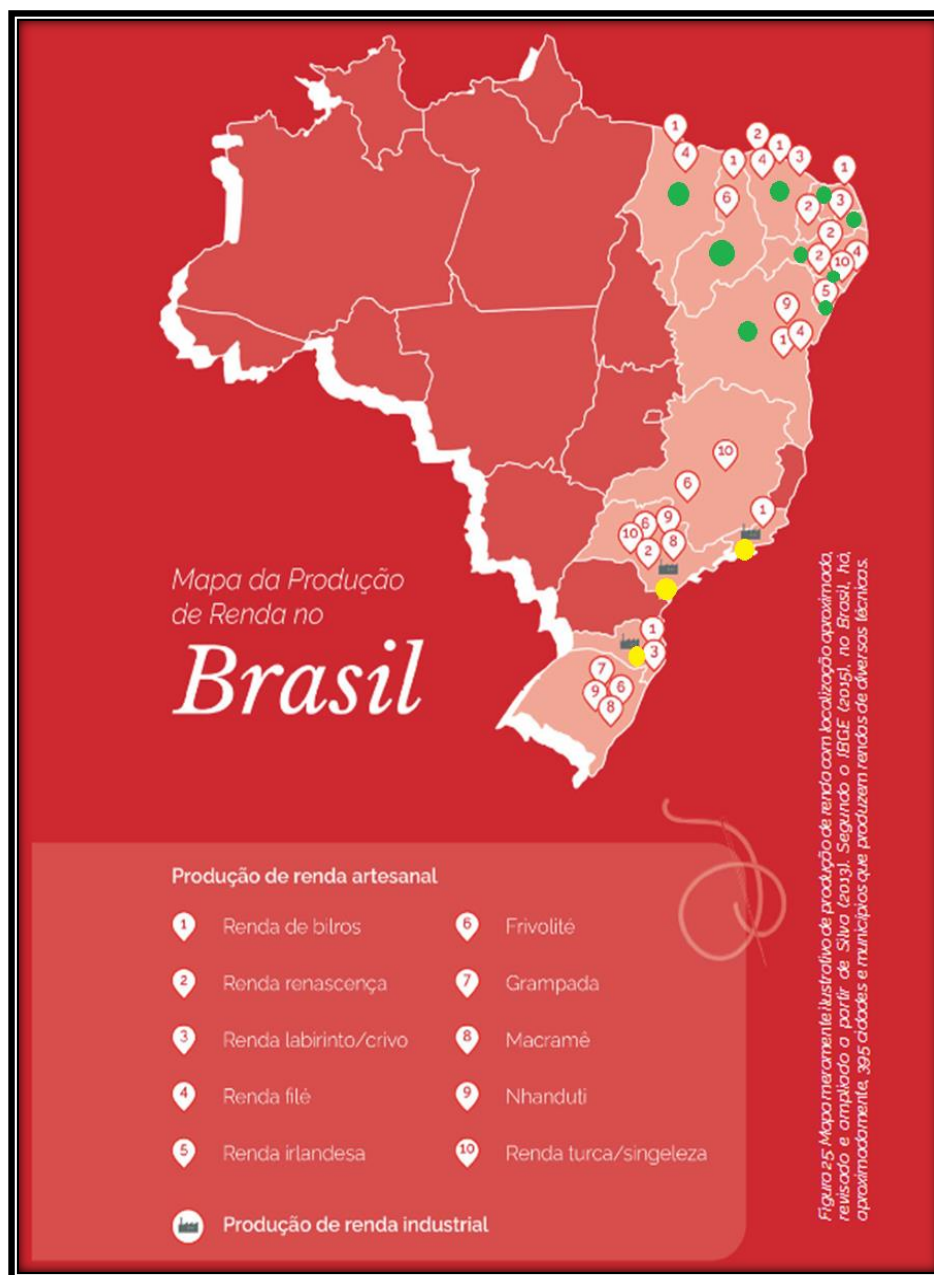


Fonte: Livro - A renda de bilros e sua aculturação no Brasil – 1948.

As fotografias, contidas na obra do casal Ramos carregam grande riqueza de detalhes, desde o ambiente, geralmente ao ar livre, formato das almofadas, ao posicionamento das artesãs. O melindroso e belo produto saído dessas mãos, despertam interesse e encanto aqueles que o veem. Também preserva uma tradição que no caso de São Sebastião, agrega um valor determinante do ponto de vista cultural, que vai além dos seus limites, ou dos limites alagoanos. Simboliza o encontro com um ponto que a priori, lembra o Nordeste, mesmo sendo produzido em outras partes do país, conforme mostra o mapeamento realizado por Felippi (2021), como

mostra a figura abaixo.

Figura 14: Produção de Renda no Brasil



Fonte: FELLIPI. 2021.

Adaptação: LIMA, J. W. S. P. 2023.

No mapeamento é possível perceber que o Nordeste concentra a grande produção de rendas artesanais no Brasil, da singeleza a renda de bilros, e toda uma diversidade dividida por Fellipi (2021, p. 54) em dez tipos e destacados nos pequenos círculos verdes. Ao mesmo tempo observa-se a existência de uma produção industrial, particularmente nas regiões Sudeste e Sul, destacada na Figura 14 por círculos amarelos.

Portanto, é lúcida a afirmativa de Maia (1986), que diversos tipos de rendas são produzidos em todas as partes do Brasil, a exemplo da renascença e do filé, contudo a maior concentração está nas terras nordestinas, destacando a renda de bilro.

Este tipo de renda se diferencia pela ausência do uso de agulhas ou nós, feita apenas com o bilro, matéria principal para confecção das peças. Antes era conhecida no Brasil como renda de bilros; em inglês, *bobbin lace*; em italiano, *merletto a fusilli*; e, em francês, *dentelle aux fuseaux*, segundo Fellipi, (2021, p. 67). Considerando a forma de produção, essa mesma autora propõe a divisão da renda em três grandes grupos: as rendas de bilros, as de agulhas e por último as que são feitas com nós.

Em São Sebastião se produz a renda de bilros, feita com pontos que se tornaram uma marca nordestina, onde a subjetividade de cada artesã aflora e revela um universo rico e belo, materializado em peças de rara beleza que distingue esse pequeno lugar encravado no Agreste Alagoano.

II Capítulo

A ALMOFADA, O BILRO E A RENDA: o mundo das rendeiras salomeenses



2.1 Fios que se cruzam e revelam o lugar

O desenvolvimento da pesquisa científica depende de um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para que seus objetivos sejam atingidos, afirmam Prodonov e Freitas (2013, p. 126). Dentre estes procedimentos, e possivelmente, o mais importante, seja a escolha das categorias que alicerçam toda a investigação e culminam com os resultados alcançados. Além do lugar, categoria geográfica central da pesquisa ora apresentada, uma outra categoria primordial que norteia toda a análise proposta e se mostra fundamental ao entendimento do próprio lugar, é cultura. Uma compreensão das formas como esta se expressa no espaço, é, pois, necessária.

Para Corrêa (2009), “[...] a cultura constitui-se em termo dotado de diversas acepções, sendo um termo empregado no senso comum e inteligível no âmbito das idéias em discussão.” Entre as ciências sociais e, por conseguinte, na Geografia, essa polissemia não é diferente, e os debates em torno do conceito são numerosos, complementa o referido autor (CORRÊA, 2009, p. 00). No âmbito da geografia brasileira, o debate sobre o tema assume maior relevância com o fortalecimento da Geografia Cultural. Convém destacar que,

No Brasil a geografia cultural ganha existência a partir de 1993, com a criação do NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura) do Departamento de Geografia da UERJ, que edita o periódico Espaço e Cultura, a publicação eletrônica Textos NEPEC e a coleção de livros Geografia Cultural. [...] Trata-se, [...] de um subcampo plenamente estabelecido no país. (CORRÊA, 2009, p. 2).

O crescimento desse subcampo da Geografia Humana foi determinante para a perspectiva humanística, especialmente a partir do trabalho pioneiro de Mello (1991). Nesta obra, o autor analisa a cidade do Rio de Janeiro por meio da perspectiva dos compositores da música popular brasileira, propondo novos métodos para a abordagem cultural na Geografia. Em sua crítica à geografia positivista e/ou neopositivista, Mello não apenas desenvolve uma análise humanística, mas também aponta caminhos para a construção de um método, incorporando perspectivas filosóficas que abordam os significados, como a fenomenologia, o existencialismo, o idealismo e a hermenêutica.

A partir dessas filosofias é possível pensar e analisar o mundo vivido

conduzido por uma Geografia Humanística que “é crítica e radical por não se alinhar com as vertentes que excluem os sentimentos, valores [...] e as experiências dos indivíduos que [...] habitam os lugares”, como bem define Mello (1991, p. 36). E ainda, utilizar a hermenêutica como um caminho de método, para responder as questões levantadas.

Tal opção deriva especialmente da importância de uma análise do lugar e da sua marca a partir daqueles que protagonizaram e protagonizam processos, considerando as suas subjetividades e o seu universo, particular ou compartilhado. Dessa maneira, é possível enxergar a interconexão dos processos que são base da hermenêutica, na busca da compreensão e explicação de algo. Ou seja, compreender para explicar, ou explicar para compreender, pois um remete ao outro, entre ida e vinda (Ghedin, 2004, p. 5).

Na sua busca de uma definição mais aprofundada da Hermenêutica, Amaral Filho (2009), destaca que,

[...] certamente acabaríamos na busca etimológica da dita palavra, falando de Hermes, um dos tantos deuses da mitologia grega. Filho de Zeus com a ninfa Maia, é o único dos bastardos com o qual Hera não implica. Diz-se até que gosta dele; ao que parece, por conta da inteligência do adúltero. Hermes é conhecido fundamentalmente por ser mensageiro e intérprete da vontade dos deuses. Além de protetor dos pastores e dos animais, dos viajantes e dos comerciantes, sem esquecermos, é claro, dos ladrões, que também lhe rogavam proteção. No panteão romano é identificado com Mercúrio. (AMARAL FILHO, 2009, p. 39).

A hermenêutica proporciona análises e reflexões capazes de esclarecer o que está posto, revelando distintos olhares e concepções da realidade, rompendo com a “padronização” e a “coisificação”, conduzindo à compreensão do real. Na verdade,

Compreender significa explicar o sentido das significações atribuídas à realidade das coisas e do mundo. Seja qual for o método ou a maneira utilizada, é próprio do ser humano significar e, através da interpretação, compreender toda a complexa realidade que nos envolve. Para compreender o sentido de nossos atos é preciso passar pela explicação. A compreensão é resultado, inacabado, de um processo de explicação (GHEDIN, 2004, p. 7).

Ainda segundo esse mesmo autor, o universo das significações se dá num contexto concreto, mas como captar o discurso (enquanto modo de dizer e interpretar o mundo) do ser-aí? (Ghedin, 2004, p. 5). Ou seja, a hermenêutica se preocupa com os aspectos do entendimento e da compreensão.

A hermenêutica utilizada na Geografia Humanística foi preconizada pelo filósofo alemão Wilhelm Christian Ludwig Dilthey, que incorporou a ela elementos de importância interpretativa, com base na experiência vivida (complexo de atos), compreendendo que, para ser entendido, qualquer processo necessita de um quadro de referência (MELLO, 1991, p. 41), o que assegura a indissociabilidade entre sujeito e objeto.

De modo significativo, as expressões de emoção, gesticulação, entonação da voz, pausas, entre outros elementos, mostram-se essenciais na busca pela interpretação e compreensão das falas proferidas pelo indivíduo ao ser entrevistado, compreendendo que esses elementos facilitam a compreensão do que está sendo dito ou escrito – este último é perceptível a partir das pontuações que evidenciam as emoções expressas.

Logo, a partir da hermenêutica, emergem as peças que a fundamentam o entendimento da presente análise como: o entrevistador e o entrevistado, ou o pesquisador e o pesquisado, essas duas figuras são interdependentes, uma vez que é uma relação que a demanda cordialidade e apreço no que está a se fazer, ocorrendo, assim, uma articulação existencialmente cara ao momento de uma pesquisa realizada.

A hermenêutica, nesse processo, demonstra sua capacidade de elencar o conteúdo da fala, levando em consideração o contexto em que foi proferida, o que pode facilitar ou dificultar a interpretação e a compreensão do discurso.

Essencial para a hermenêutica é sua capacidade de assegurar que a interpretação e a compreensão sejam sempre contextualizadas, podendo essa contextualização ser espacial, social, cultural, econômica, entre outras, desde que devidamente incorporada no momento da análise. Nesse sentido, Gadamer (2005, p. 478) afirma que, ser que pode ser compreendido é linguagem. Enquanto Sidi e Conte (2017, p. 1952) destacam que a hermenêutica desempenha um papel fundamental no que se refere às metodologias e aos métodos, os quais são pautados na semântica dos dados empíricos adquiridos, conferindo-lhes significado e sentido durante as investigações.

Amaral Filho (2009, p. 39), destaca que o método hermenêutico apresenta uma gama de possibilidades, sendo uma técnica filosófica de interpretar, tornando-o

assim, um método científico, capaz de compreender e, não ao acaso, encontrar frisos que permanecem abertos a outras interpretações.

Estas considerações acerca da hermenêutica faz-se necessária por respaldar as análises sobre o lugar (São Sebastião) e as artesãs da renda de bilro, e as relações estabelecidas entre ambos. Partindo de uma compreensão do primeiro, como espaço dotado de emoções, símbolos, crenças e significados. Ou seja, dotado de subjetividades, que associadas a ação criativa das rendeiras, resulta numa cultura passada de geração a geração. Na verdade, “a cultura existe através dos indivíduos a quem é transmitida, que por sua vez, a utiliza, a enriquece, a transforma e a difunde.” (CLAVAL, 2007, p. 89). Assim, ao adotar a hermenêutica como um caminho a Geografia Humanística responde as questões que apenas o materialismo não capaz de fazê-lo. E mais, apresenta-se como um caminho eficaz a esta análise desde a segunda metade do século, pois

No início dos anos setenta alguns geógrafos desencantados com uma geografia sem homens começam a buscar, nas filosofias dos significados, respostas para suas angústias e caminhos para o rompimento com o positivismo e o neo-positivismo predominantes na ciência geográfica. (MELLO, 1991, p. 22).

Nesse sentido, o lugar é tomado como uma categoria de análise fundante, e que, não ao acaso, a subjetividade. Logo, considerando a consciência humana em relação a este, o lugar, e ao espaço, uma vez “que o mundo não é preciso, certinho e sim pleno de ambiguidades, valores pessoais e de grupos”, como bem mostra Mello (1991, p. 22). Tal menção rompe a tradição geográfica positivista, e passa a considerar as imperfeições do mundo. É deste modo que na Geografia Humanística os olhares às tradições, costumes, identidades de um povo e do seu lugar são todos levados em consideração.

Assim, geógrafos como Tuan, Relph, Buttimer, Corrêa, Rosendahl, dentre outros, conscientes das lacunas do conhecimento geográfico a partir da quantificação positivista, que predominava a geografia nos idos dos anos de 1970, avançaram no desenvolvimento deste viés, revisitando a trajetória da Geografia Humana.

Aspectos como a técnica e o saber-fazer evidenciam as relações que os seres humanos estabelecem com o meio em que estão inseridos, considerando ainda que a capacidade de compartilhar novos e distintos conhecimentos agrega e acumula saberes. Assim surgem novas habilidades e novos costumes. Nesse contexto,

analisar costumes, sentimentos e valores consiste em compreender os significados que se constroem no âmbito do lugar. E mais, as formas de entender e analisar o lugar não se mostram de maneira única, mas algo que deve ser construído a partir de inquietações das relações humanas. Na verdade,

Existem muitas dimensões de significados atribuídos ao lugar: simbólico, emocional, cultural, político e biológico. As pessoas não têm apenas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas do lugar, mas também associações pessoais e sociais com redes baseadas nos lugares de interação e ligação. (BUTTIMER, 2015, p. 6).

Ao propor um debate acerca de uma teoria geográfica do lugar, Mota (2006, p. 26), destaca que “o seu conceito está experimentando mudanças tão substanciais, particularmente, a partir das últimas décadas do século XX, que uma revisitação aos seus preceitos básicos se torna mais do que necessária.” Certamente, essas mudanças não decorrem apenas das implicações do processo de globalização, dos seus efeitos nos lugares, mas também da tomada de consciência da necessidade de um olhar crítico, que foque o lugar como propôs aqueles geógrafos humanísticos anteriormente citados, dentre eles a própria Buttimer. Ou seja, a partir dos homens que aí vivem, das suas ações e relações, dos seus sentimentos, das suas subjetividades. Portanto, do mundo efetivamente vivido.

Este tratamento vem assumindo diferentes dimensões. De um lado, o lugar se singulariza a partir de visões subjetivas vinculadas a percepções emotivas, a exemplo do sentimento topofílico, às quais se refere Yi-Fu Tuan (1975). De outro, o lugar pode ser lido através do conceito de geograficidade, termo que, segundo Edward Relph (1979, p. 19), “encerra todas as respostas e experiências que temos de ambientes no qual vivemos, antes de analisarmos e atribuírmos conceitos a essas experiências”. Isto implica em compreender o lugar através de nossas necessidades existenciais. Quais sejam, localização, posição, mobilidade, interação com os objetos e/ou com as pessoas. Identifica-se esta perspectiva com a nossa corporeidade e, a partir dela, o nosso estar no mundo, no caso, a partir do lugar, como espaço de existência e coexistência.

Na Geografia Humanística, “o lugar, recortado afetivamente, emerge da experiência, sendo um mundo ordenado e com significado”, destaca Mello (1991, p. 68). Ainda de acordo com este autor, os lugares:

“carregam em si experiência, logo, poesia, emoção, sensação de paz

e segurança dos indivíduos que estão entre os seus. Tem uma conotação de pertinência por pertencer à pessoa e esta a ele [...]. Assim, o lugar é recortando emocionalmente nas experiências cotidianas” (Mello, 1991, p. 68).

Refletindo-se assim, em diferentes formas de ver e entender o mundo, sobretudo sobre as artes produzidas. Com frequência, nas artes se expressam as referências do artesão ou do artista que igualmente estão relacionadas ao seu lugar, onde se desenvolve o seu dia a dia, as suas experiências, ainda que se leve em consideração as influências exógenas. O lugar é, certamente, uma marca do indivíduo que também é parte dele.

No âmbito da geografia brasileira, o trabalho de Mello (1991) sobre a evocação da cidade do Rio de Janeiro pelos compositores da música popular brasileira, retratando o seu cotidiano, as suas experiências, o seu mundo vivido, pode ser considerado pioneiro nessa perspectiva. A sensibilidade expressa pelo autor na análise do lugar, sob diferentes óticas, desde o lugar vivido de moradia, passando pelo balé do lugar, proposto por David Searnon (1980), aos lugares centrais, dentre outros, conduz a compreensão que “o lugar é a arte/criação do homem”. (Mello, 1991, p. 151).

Consonantes a este referencial, centrado na Geografia Humanística e que reverbera as filosofias dos significados, discorre-se a partir de então, o universo das renderias, suas realidades e os indicadores que elucidam a cultura da renda de bilro como uma notória marca de um lugar: São Sebastião, conforme será mostrado no item seguinte.

2.2 Cruzando linhas e fazendo arte nas terras bastianenses

A renda de bilro consiste em uma prática artesanal invariavelmente centrada nas rendeiras mais experientes, que são as mestras. São senhoras representadas nas avós, mães, tias ou vizinhas que têm em comum o gosto e apreço por esta arte, com frequência confeccionada paralelamente as atividades domésticas. Uma simbiose entre trabalho e cotidiano que através do que é produzido, “revelam partes da vida diária, das práticas religiosas, das crenças, das festas, das tarefas domésticas, da dura luta pela sobrevivência” (ALEGRE, 1994, p.136).

Os elementos necessários à produção da renda de bilro são o bilro, item fundamental e que a diferencia das demais rendas tecidas, o molde ou pique (papelão picotado), que é fixado por alfinetes ou espinhos, sendo sustentado por um papelão colocado sobre uma almofada cilíndrica, preenchida com palha de bananeira ou retalhos de tecidos de algodão, conforme mostra a figura 15.

Figura 15: Almofada com estrutura completa



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2022.

O bilro (figura 16) é feito a partir da madeira, entalhado de maneira que venha a se assemelhar a uma bobina, contendo em suas extremidades um arredondamento, lembrando um pião. Sua fabricação é manual com o uso de facas e quando necessário, recorre a ferramentas normalmente encontradas em serralharias. Atualmente, a sua produção em São Sebastião encontra-se em situação delicada, visto que de acordo com Secretaria Municipal de Cultura, apenas um artesão os fabrica, sendo responsável por atender toda a demanda das rendeiras e aprendizes.

Figura 16: Bilro utilizado na Escola da Renda



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2022.

Feita a peça, as artesãs utilizam-nas da seguinte maneira: os bilros são pendurados em alfinetões que, por sua vez, ficam espetados numa almofada, sobre a qual há um papelão furado, que serve de guia para a forma do desenho (Catellani, 2003, p. 681).

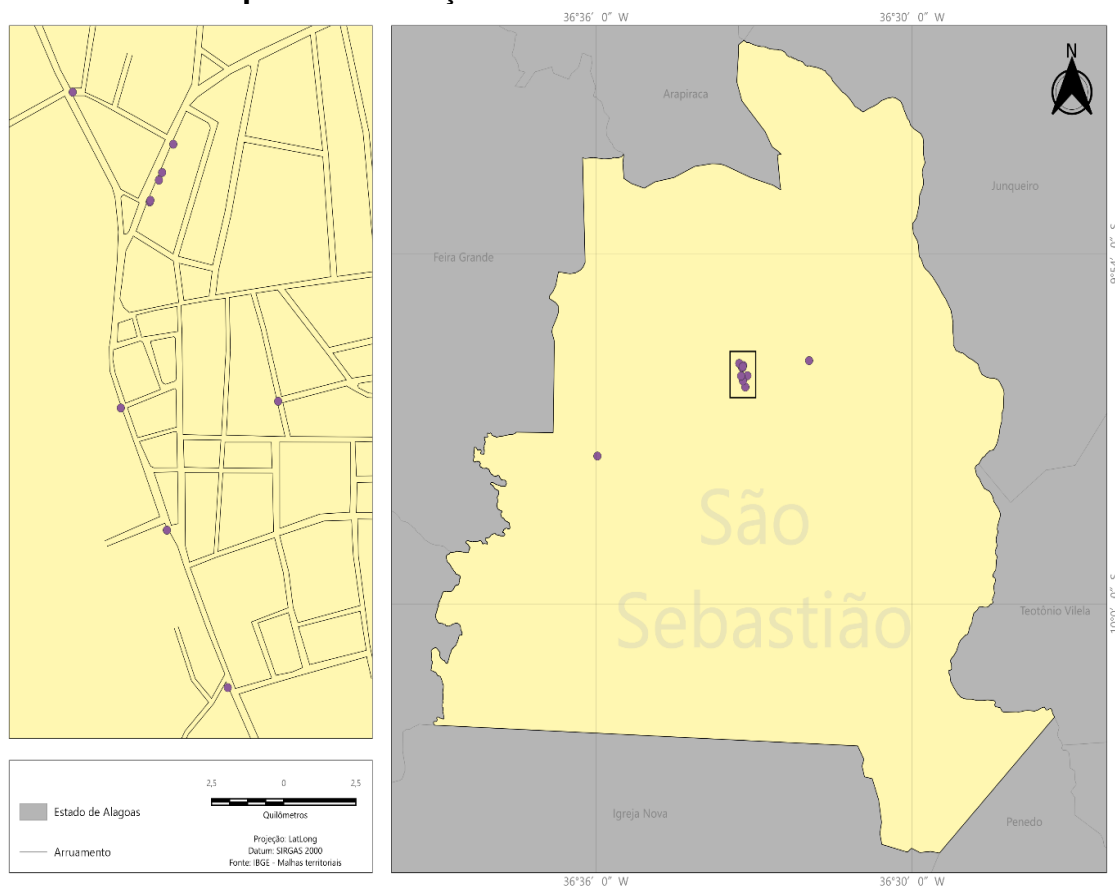
As rendeiras de São Sebastião, assim como em outros locais do Brasil, utilizam almofada de tecido de algodão, em formato cilíndrico, com um enchimento que lhe dá corpo e rigidez, garantindo a estabilidade no momento de “jogar os bilros” além de facilitar a fixação do molde/pique. Esta é uma realidade observada entre todas as rendeiras identificadas na pesquisa (quadro 1), e cuja relação coincide com as informações levantadas junto a Secretaria Municipal de Cultura de São Sebastião.

Quadro 1: Localização das rendeiras de São Sebastião

Rendeira	Local	Zona
Rendeira A	Rua Pedro Vieira de Barros, centro.	Urbana
Rendeira B	Avenida Carlos do Vale Ferro, centro.	Urbana
Rendeira C	Rua Pedro Vieira de Barros, centro.	Urbana
Rendeira D	Povoado Estrada Nova, centro.	Rural
Rendeira E	Rua Adolfo Valdevino da Silva, centro.	Urbana
Rendeira F	Rua Adolfo Valdevino da Silva, centro.	Urbana
Rendeira G	Rua Adolfo Valdevino da Silva, centro.	Urbana
Rendeira H	Rua Celestino Joaquim da Silva, São José.	Urbana
Rendeira I	Rua Adolfo Valdevino da Silva, centro.	Urbana
Rendeira J	Rua Adolfo Valdevino da Silva, centro.	Urbana
Rendeira K	Rua Antero de Araujo Lessa, centro.	Urbana
Rendeira L	Rua Silvino Lessa, centro.	Urbana
Rendeira M	Rua Antero de Araujo Lessa, centro.	Urbana

Organização: LIMA, J. W. S. P., 2023.

A partir desses dados, foi possível elaborar o mapeamento das rendeiras de São Sebastião, composto por treze artesãs, distribuídas na zona urbana e na zona rural do município. Essa distribuição reflete-se diretamente na composição das peças tecidas, levando em consideração os pontos das rendeiras mais experientes e as rendeiras mais novas, temas, cores da linha, dentre outros.

Mapa 3: Localização das rendeiras de São Sebastião

Elaboração: ARAÚJO, P. H. S., 2024

É importante destacar que este tipo de renda também é conhecido por "renda de almofada" ou "renda do Ceará", o que reflete a prática e a popularidade desse tipo de renda na terra do Padre Cícero e também pode em parte explicar o acervo do sacal Ramos na capital cearense. Fellipi (2021) enumera outras denominações dessa arte em outros países que a produzem:

Na Itália [...]: renda cantú (produzida em Cantú), renda genovesa (Gênova), renda milanese (Milão), renda veneziana (Veneza), entre outras. [...] Na Bélgica, nomes de cidades também se destacam para nomear as rendas de bilros: mechelen ou mechlin (produzida na cidade de Mechelen), renda duquesa de Bruxelas, renda de Bruges, entre outras. [...] Na França, assim como nas anteriores, os nomes das técnicas estão vinculados às cidades como: Lille, Le Puy, Chantilly, Caen, entre outras. [...] Na Inglaterra, os exemplos também se relacionam as cidades que dão o mesmo nome para suas rendas, sendo elas: Honiton, Bucks, Bedfordshire, entre outras (Fellipi, 2021, p. 73).

Quanto as almofadas, peça fundamental para a produção das rendas, pode-

se afirmar que elas dizem muito das artesãs através das cores ou estampas. Revelam o estilo de cada rendeira.

Figura 17: Almofadas de renda sem cobertura



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Figura 18: Almofada de renda completa



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

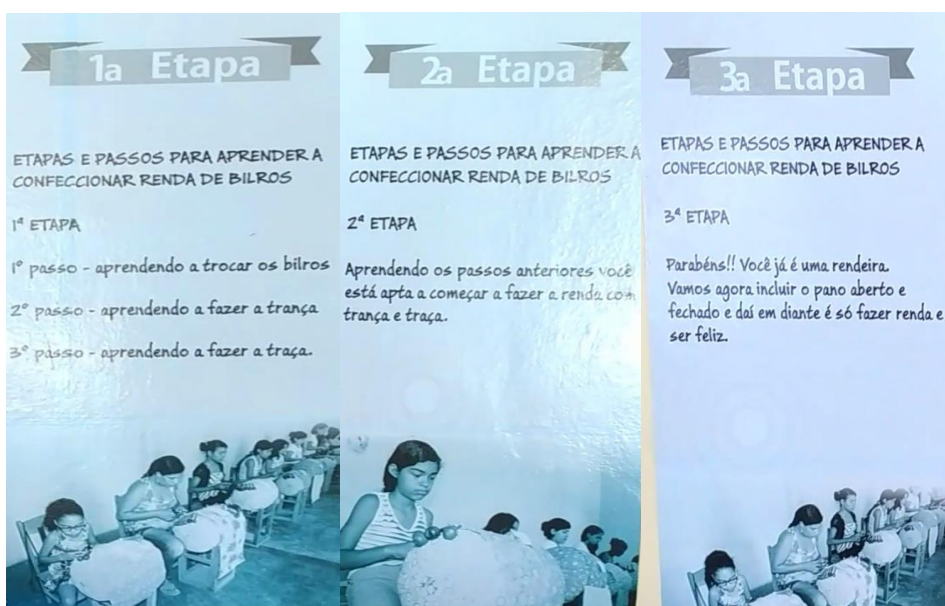
Figura 19: Almofadas com cobertura de chita



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

No seu trabalho visando a manutenção da tradição em São Sebastião, a Secretaria Municipal de Cultura orienta um passo a passo sequencial à confecção da renda de bilro, conforme pode ser observado nos cartazes afixados nas paredes da Escola das Rendas.

Figura 20: Etapas de confecção da renda de bilros



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Além das almofadas e demais recursos necessários a produção da renda de bilro, anteriormente citados, observa-se que em tempos pretéritos era comum a utilização de espinhos de laranjeiras, mandacaru ou xique-xique para perfurar o papelão usado nos moldes dos desenhos. Também conhecidos como pique, esses moldes, hoje feitos em papel madeira, é colocado em ponto fixo na parte superior da almofada e preso por alfinetes, como mostra a imagem a seguir.

Figura 21: Molde ou pique, feito à base de papelão



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Anterior a sua fixação, é necessário riscar o desenho e perfurar ponto a ponto de forma precisa (figura 21), pois é esse molde que dará forma a renda. Esse processo é denominado de beliscado. Contudo, observa Fellipi (2021), que

[...] O desenho da renda, que antes era feito em papel perfurado e riscado, agora é substituído por cópias de rendas já prontas. E, se antes as rendeiras trocavam, emprestavam ou copiavam os piques, agora fazem o mesmo com as fotocópias. (FELLIPI, 2021, p. 69).

Nesse processo chama a atenção a adesão das rendeiras as possibilidades proporcionadas pela tecnologia. Se antes elas tocavam entre si, moldes de papelão ou de papel madeira, agora fazem uso de fotocópias ou imagens obtidas diretamente em sites eletrônicos.

Figura 22: Molde ou pique pronto para ser utilizado



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Segundo o Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas – SBRT, em carta resposta ao Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE,

O pique é um cartão, normalmente pintado da cor açafão para facilitar a visão por parte da executante, onde se decalcou um desenho, feito por especialistas e em papel quadriculado, cuja origem está na criatividade da autora, que por vezes recorre à estilização de objetos naturais como as flores e animais. Os alfinetes fixam o trabalho ao pique e são colocados em furos estrategicamente efetuado no desenho base. O bilro é um artefato de madeira em forma de pera alongada onde é enrolada a linha (fio têxtil) que vai sendo descarregada à medida que o trabalho avança. Todo o trabalho é executado com o auxílio de uma almofada cilíndrica, onde é fixado o pique, que, por sua vez, está pousada sobre um banco de madeira cuja forma permite a fácil alteração da posição da almofada, que roda sobre si, enquanto permita uma posição cômoda a quem executa. (Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas, 2006, p. 3).

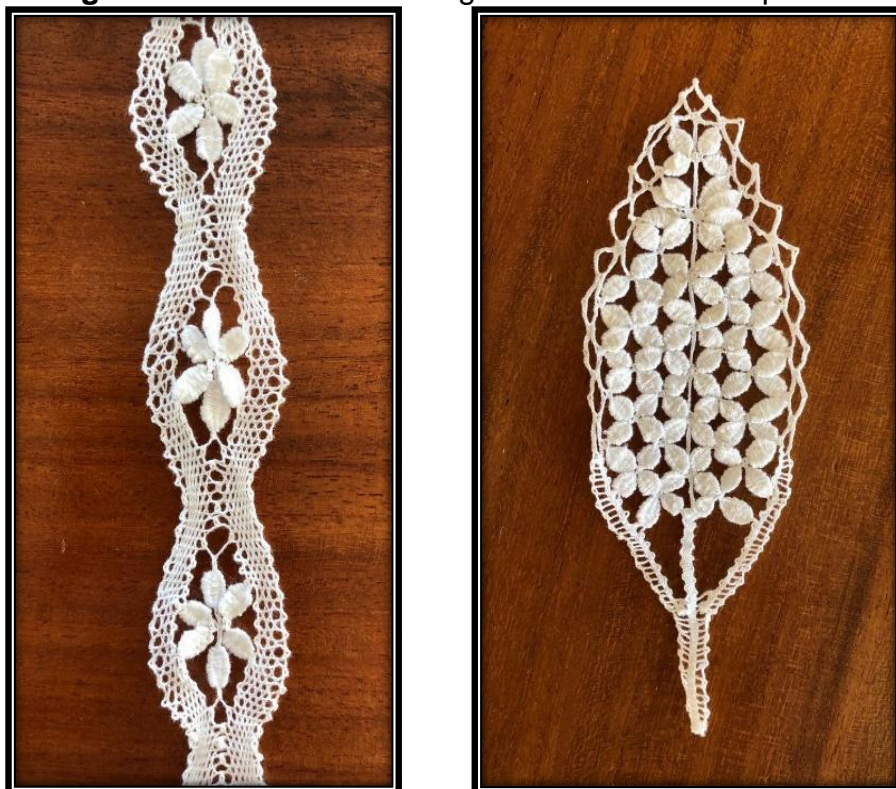
A partir da variedade de instrumentos, padrões e modos de se fazer a renda, surgem diversos pontos tecidos pelas rendeiras de São Sebastião. Cada ponto é criado por meio de movimentos específicos dos bilros e das linhas, com visando criar a figura ou padrão desejado na renda. Esse processo revela a subjetividade das artesãs, inspirada no seu cotidiano, nas suas vivências, ou na natureza. Os pontos, ou conjuntos de pontos, recebem denominações como: renda flor, bico meia-volta, renda relógio, renda folha ou pétala, renda coração, renda seis traças, renda estrela, bico dôra, renda jasmim, renda viúva, renda fita, dentre outros, como pode ser visto nas figuras a seguir.

Figuras 23 e 24: Renda meia-volta e Renda Flor



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Figuras 25 e 26: Renda relógio e Renda folha ou pétala.



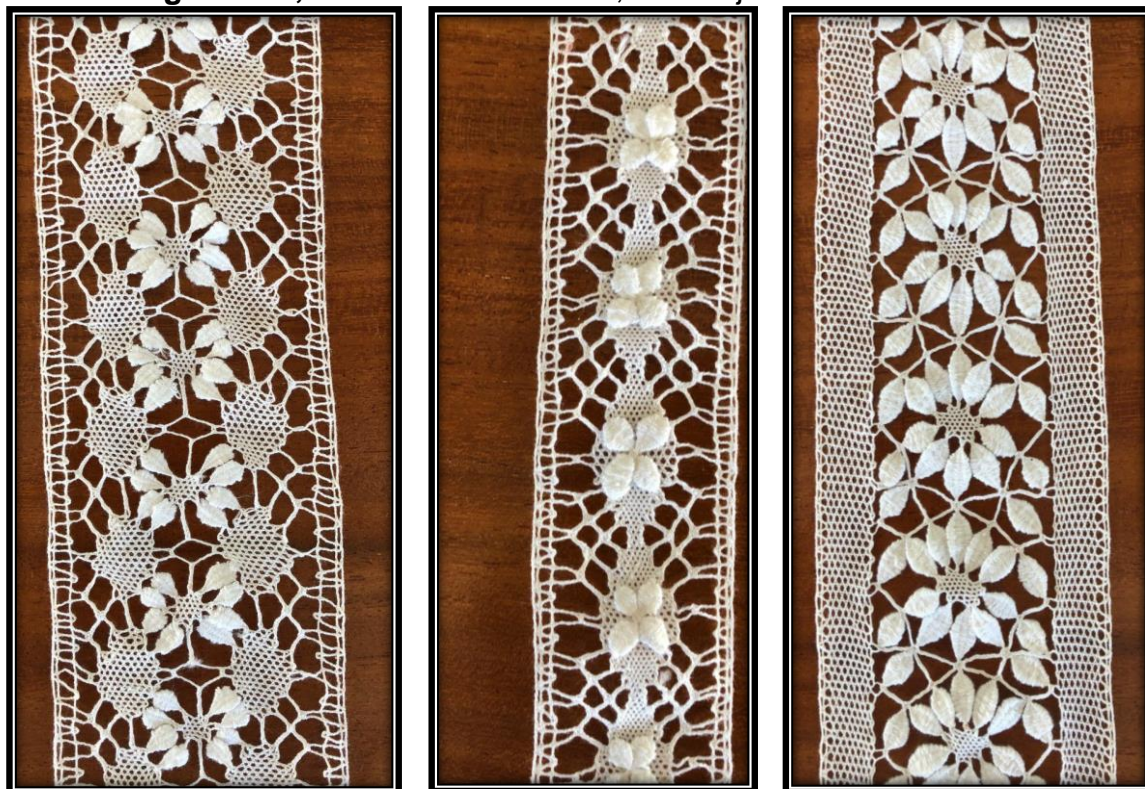
Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Figuras 27, 28 e 29: Renda estrela, Renda seis traças e Renda Dôra.



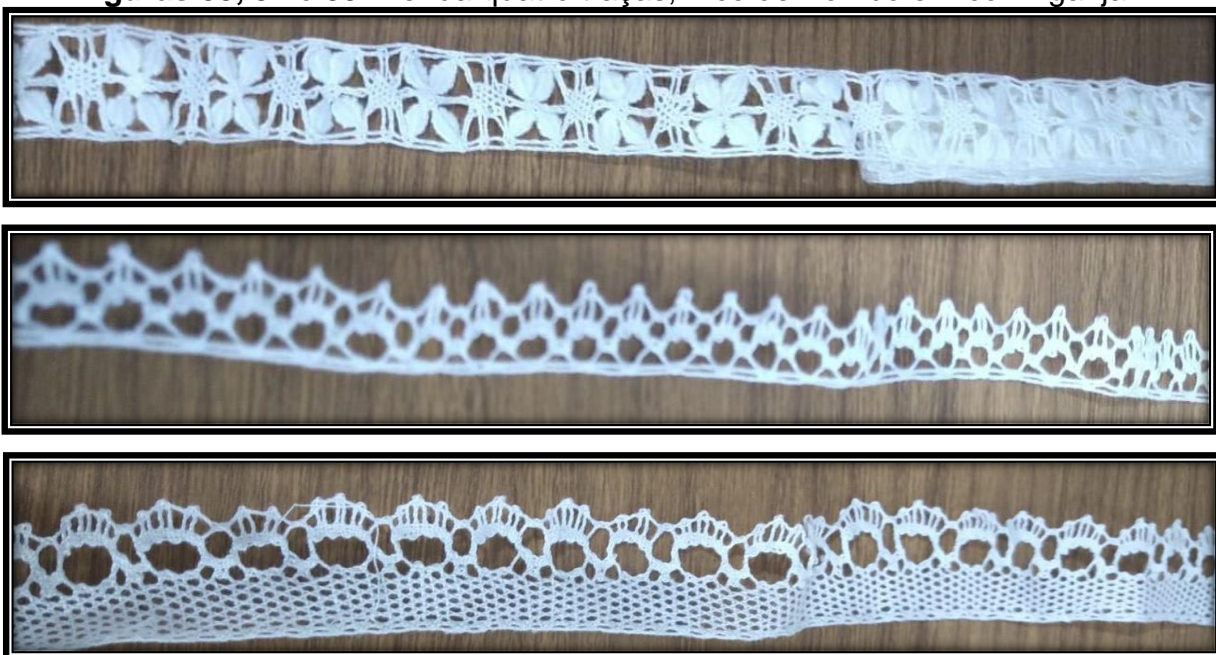
Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Figuras 30, 31 e 32: Renda viúva, Renda jasmim e Renda fita.



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Figuras 33, 34 e 35: Renda quatro traças, Bico de Pombo e Bico Enganja.



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Cada ponto, cada peça, reflete a subjetividade das rendeiras, seu mundo vivido, seu cotidiano, uma espécie de poesia, de uma arte que nas terras alagoanas se confunde com a antiga Salomé. Tão significativa é essa relação que um dos pontos mais populares tem o nome de uma rendeira nativa, a Mestra Clarice Severiano. Trata-se do ponto Flor de Clarice Severiano. A mestra também empresta o seu nome a um bico por ela criado, o bico feito no ponto de Clarice Severiano (figuras 36, 37 e 38).

Figuras 36, 37 e 38: Renda Mestra Clarice, Renda tipo flor de Clarice e Bico feito no ponto de Clarice.



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Mestra Clarice deixou um legado às gerações posteriores. Sua notável trajetória lhe conferiu ainda em vida, o título de Registro de Patrimônio Vivo do Estado de Alagoas. Esse registro garante o reconhecimento de mestres e mestras das mais diversas áreas da arte popular de Alagoas. Clarice Severiano dos Santos, ou simplesmente Mestra Clarice, nascida em 16 de novembro de 1934 na então Salomé, foi laureada pela sua arte de fazer rendas de bilros, através da Resolução Estadual nº 08/2008, registrada no livro de Tombo nº 05, à folha 12 verso, a partir de 18 de agosto de 2008. Segundo a Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa – Secult, o título de Registro do Patrimônio Vivo - RPV é concedido pelo Governo de Alagoas, desde 2005, através da Lei Estadual nº 6.513/04, alterada pela Lei nº 7.172/2010.

Figura 39: Desenho de Mestra Clarice Severiano

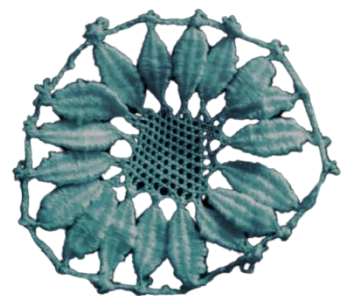


Autora: Léa Oliveira, 2023.

As figuras da obra de Mestra Clarice, assim como as demais, de outras mestras mostradas anteriormente, revelam a rica e delicada variedade de um fazer artístico que recria, adapta, aperfeiçoa e cria novos modelos e é repassado às novas gerações. Entretanto, segundo a Funarte (1981, p.15), existem dilemas em relação a sua continuidade, visto que “[...] com os problemas da vida contemporânea, nem sempre a geração nova pode dedicar-se a produção de renda.” Por outro lado, não se deve olvidar os valores de natureza econômica e sobretudo cultural, que esta prática carrega consigo. Valores que expressam o lugar. Valores que marcam o lugar. O seu epítome.

III Capítulo

NO BATER DOS BILROS, A MARCA DE UM LUGAR



3.1 Uma batida que ecoa tradição

A arte das rendas de bilros, bem como outras tipologias anteriormente citadas, encontra-se intrinsecamente ligada ao universo feminino, que também cuidam da permanência, passando às gerações subsequentes. Dentro do contexto do interior nordestino, comumente a matriarca da família é “responsável” por esta tarefa que por vezes extrapola os limites da própria família. A almofada, a quantidade de bilro e a complexidade dos moldes serão dados de acordo com a mestra e a habilidade da aprendiz.

Portanto, a idade não será fator de impedimento para o avanço na confecção da renda. Assim foi possível constatar durante a realização de visitas e acompanhamento da produção das rendas de bilro em São Sebastião, nas residências das rendeiras ou nos espaços coletivos destinados a este fazer. Em ambos os casos, a arte das mestras é apreendida pelas novas gerações, assimilando os legados de Mestra Júlia dos Santos, Mestra Zuza, Mestra Maria do Socorro e a já citada Mestra Clarice Severiano.

Figura 40: Mestra Júlia dos Santos



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

As rendas de bilro da antiga Salomé se caracterizam pela delicadeza e sofisticação que representa um mundo para cada rendeira, denotando uma comunhão entre criadora e criação. Ou seja, entre artesã e artesanato. São horas e horas de empenho, compromisso e como destacam algumas delas nas entrevistas realizadas, de muitas emoções, desde a Mestra Clarice Severiano, as jovens talentosas Adayssa Vasconcelos e Naara Brandão e Ribeiro.

Dona Clarice, como também era conhecida, começou a fazer rendas de bilro desde os oito anos de idade, arte que aprendeu com a sua mãe, que por sua vez herdara já herdara da avó de D. Clarice. As primeiras peças eram pontas e pequenos paninhos que avançaram para passadeiras, chales e blusas, além de outras peças maiores e ricas em detalhes.

Durante as visitas a família de Mestra Clarice, suas filhas (todas rendeiras) fizeram referência aos problemas de saúde que sua mãe tivera com o passar dos anos, como dificuldades na visão, dores na coluna, entre outros, que acarretaram na redução da sua produção. Em função desse quadro, se propôs a repassar os seus conhecimentos, tanto às filhas como também às amigas e vizinhas interessadas em fazer renda.

Em entrevista uma concedida a um programa exibido em rede nacional pelo Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, em 2010, guardada com carinho por suas filhas, chama a atenção um trecho em que a mestra destaca: vendo as peças em Maceió, nas casas de amigas. Mas não “vivo” só da renda, pois demora muito e vende muito barato (SEVERIANO, 2010). O tempo dispensado para produção de uma peça varia bastante, podendo ir de semanas a meses, conforme o tamanho e o nível de detalhamento.

Os depoimentos colhidos propiciam uma imersão no universo dessas artistas. Comum a fala de todas as entrevistadas é a hereditariedade na figura da mãe ou das avós. O trecho da fala de Dona Clarice citado anteriormente, é reforçado pelas filhas demais rendeiras bastianenses. Sintomaticamente, a rendeira A (2022) destaca,

Eu aprendi olhando minha mãe fazer, ela aprendeu com a mãe dela, isso quando era pequena, sentava no batente da porta e ficava olhando minha mãe jogar os bilrros, muito curiosa. Minha mãe era rápida com os bilrros e era muito ciumenta com sua almofada, sempre tinha ordem de dizer – Ninguém mexa nos bilrros. Lembro porque sempre queria mexer.

Esse sentimento também está presente nas falas das rendeiras B, C, D, K, L e M, quando tratam das suas referências. As Rendeiras E, F, G, H, I e J destacam de maneira comum também a presença marcada de suas avós ou de suas mães.

Chama a atenção a naturalidade no processo de interesse para com a renda de bilro, que pode ser compreendido a partir da curiosidade da criança em relação ao que os mais velhos vêm a fazer. No caso das mães ou avós, pode-se acrescentar o valor da tradição oral através dos diálogos cotidianos. A rendeira F, fala com emoção da relação de afeto que a mãe tinha com a sua almofada:

Minha mãe, ela dizia que a almofada é a melhor amiga que ela podia ter, porque ela disse que contava as coisas dela tudinho, passava o dia todinho furando a almofada, ela botava ela pra cima, botava pra baixo e mesmo assim ela nunca disse nada... (Pausa respirando fundo). Ela brincava com a almofada, vivia dizendo que era boa de ouvido. Passava o dia todo e tinha que escutar ela. (Rendeira F, 2022)

Essa relação entre artesã e artesanato também expressa o uma relação muito mais profunda do que normalmente se pode supor. A forma de encarar um objeto de trabalho com tamanha cumplicidade ao nível de uma “amiga” e “boa de ouvido”, confere a sua prática algo que está além de uma arte manual. É também um refúgio diante das adversidades do dia a dia, como esposa, mãe, dona de casa. Enfim, como mulher do seu tempo, no seu lugar.

Em meio a esse cotidiano há uma “administração” do tempo à confecção da renda de bilro. Pode variar de uma parte do dia, comumente as tardes, no quintal de casa, como também entre uma atividade e outra do cotidiano doméstico. Assim, pode se restringir a espaços curtos a horas de trabalho dedicados ao artesanato, gerenciando o seu tempo da melhor forma possível.

Considere-se, conforme já mencionando antes, que a produção de uma peça de renda de bilro exige um tempo que está relacionado as suas dimensões, nível de detalhes e dificuldade, mas sempre determinado pelas atividades domésticas. A fala da rendeira C é bastante representativa dessa realidade.

Meu filho, eu gasto em média umas horinhas do dia... Digamos que duas horas. As vezes mais e as vezes menos. Você sabe, dona de casa tem tempo para fazer comida, arrumar a casa, ajeitar o terreiro. Aí fico fazendo as vezes de manhazinha. Acordo cedo. Umas 4 horas estou de pé. Também umas 8 horas já tô dormindo, se não tiver cochilado já na sala. A noite não costumo fazer. Só se eu perder o sono, e de dia tenho mais tempo no final da tarde, umas 16 horas em diante. Depois tem que fazer a comida, a janta... Eu vou vendo o tempo

de casa, se der tempo pela manhã eu faço um pouquinho, se for a tarde ou até a noite [...]. Se eu for pensar, acho que faço mais ou menos umas 4 horas, por aí... As vezes passa disso (Rendeira C, 2022).

Portanto, fica patente que a produção de um dos mais belos exemplares da arte manual do Brasil está atrelada a disponibilidade do tempo que sobra das atividades domésticas da artesã.

Uma questão recorrente durante as entrevistas e conversas informais com as rendeiras, foi a quantidade de renda produzida mensalmente. Constatou-se, então, que esta pode variar entre poucos metros a uma quantidade maior, e que para muitas delas, ainda é considerado um passatempo, independente das encomendas que recebem de turísticas e dos próprios munícipes. Nesse sentido, a rendeira G (2022) afirma: eu faço de acordo com pedido do pessoal e faço qualquer hora do dia, (se em metros) eu acho que ia ser uns 10 metros a mais [...]. Uso duas almofadas aí já ajuda. Logo, essa produção oscila, como pode ser observado no que diz a rendeira I (2022) sobre a questão:

Eu faço de acordo com os pedidos. Pego encomendas e faço sem nenhuma cerimônia, só não pego quando querem para ontem. Aí digo logo que não posso, não tenho tempo ou não consigo devido a correria, entre trabalhar e fazer a renda. Aí escolho o trabalho como prioridade porque é um salário certo no mês, enquanto a renda fica naquela, entre uma encomenda ali e outra lá, aí num mês pode ter vários pedidos ou nenhum. [...] Quando tem pedido é um bom dinheiro, um complemento bom para ganhar. (rendeira I, 2022).

Percebe-se nessa fala que algumas possuem vínculo empregatício fixo. O que significa dizer que possuem uma formação. Pode ser enfermeira, assistente social, e principalmente professora. Geralmente funcionárias do setor público. Quando indagadas sobre a procedência do material utilizado à confecção da renda, a rendeira J (2022), foi bastante objetiva na resposta destaca que, uso a linha, os alfinetes, os bilros [...] que a gente encontra aqui, no armarinho. [...] Os bilros quando quebram ou estão gastos eu encomendo lá na serraria e assim vai.

A rendeira A (2022), por sua vez, opta por falar da almofada: na minha almofada eu uso dentro a palha de bananeira, tem todo um processo, tem que ser a palha de bananeira seca, bem sequinha. E faz questão de complementar, eu gosto de fazer a minha almofada que já falei, aí deixo ela bem do jeitinho que eu gosto, pra não deixar de qualquer jeito (rendeira A, 2022).

A linha usada também é mencionada. A rendeira D (2022), afirma: [...] eu uso a Esterlina, número 20, acho que a maioria aqui, porque, [...] se for uma renda mais dura ou muito, muito grande pode usar a de número 10 sossegado, porque ela é mais dura, aí dá firmeza. Este aspecto é reforçado pela Rendeira M (2022),

[...] eu e minha irmã compramos aqui na cidade, no armarinho ou até lá em Arapiraca se aqui não tiver. Porque, tem gente que compra a linha que é da marca Esterlina, número 20, de algodão, aí fica dividido entre as rendeiras e as pessoas das confecções que compram também para costurar. (rendeira M, 2022).

A rendeira A, anteriormente citada, ressalta que, uma linha boa, boa mesmo de trabalhar era da Âncora, aí não acha mais por aqui e nenhum canto porque parece, chegou pra gente que tinha pegado fogo na fábrica dessa linha. (rendeira A, 2022). Além disso, outro ponto que é desafiador para o uso da marca Esterlina é a sua qualidade, a fidelidade a cor branca, por exemplo, com o tempo mesmo que protegida, seja com pano ou plástico, a renda na cor branca vai escurecendo, daí, a mesma rendeira chegou a mencionar o envio de um vídeo para a empresa que produz essa linha para avaliarem os motivos que levam ao amarelado das peças ou escurecimento direto da linha, considerando que as rendeiras ainda protegem as peças em produção e finalizadas.

[...] Até vídeo eu já fiz para a fábrica dessa linha aí (Esterlina) porque é uma linha boa, mas, isso no tamanho, a espessura dela. O defeito é que o tempo ele vai deixando ela escura, não sei porque, eu coloco paninho para cobrir a peça feita e até quando tô fazendo, que já é costume meu cobrir para não levar poeira nem nada. Aí do vídeo a gente conseguiu enviar para o pessoal da empresa, eles só falaram que ia ver o que acontece para ficar assim, mais até hoje nada. Fica escura do mesmo jeito... [...]. Não tem nada que não deixe essa linha não ficar escura, meio amarela. (Rendeira A, 2022).

Com relação aos bilros, todas compram peças padronizadas feitas por um marceneiro local, que cobra em média R\$ 50,00 por uma dúzia de bilro. É o único profissional do município que produz essas peças, o que causa um certo temor da parte das rendeiras, que insistem para que ele ensine a arte aos filhos, a fim de que a tradição não morra. De acordo com a rendeira B (2022), [...] o par que a gente pede sempre é com 12 bilros, que se for por par dá meia dúzia de bilro, aí fica uns R\$ 50,00. A rendeira M (2022) complementa,

A almofada eu mesma faço, minha irmã também faz a dela, os bilros dependem muito, tem bilros que guardo que são da mamãe, não uso porque são bem gastos, a gente quando era pequena ia com a mamãe

pegar palha de bananeira, e ela chegava a fazer os bilros dela também, usava uns paus que chamam de aração de bilro, aí o pessoal já sabia que era para o bilro, hoje, tem só o senhor lá na serraria que faz... [...]. Tem renda que eu faço e chega a usar mais de cinquenta bilros, aí cada dúzia comprada é em média de cinquenta reais, se for uma renda grande tem que investir um pouco do dinheiro na compra dos bilros. (rendeira M, 2022).

Um dos motivos de orgulho das rendeiras é a inexistência de emendas nas peças que independente do seu tamanho não tem emendas e não é utilizada nenhuma costura. A rendeira L (2022), com orgulho destaca: [...] Nada de remendo, nada de agulha. Tira a delicadeza da peça [...]. O que é referendado pelas rendeiras A e K (2022),

[...] Têm desenho que a gente demora a fazer, aí já fiz umas grandes, sozinha e com a ajuda da minha irmã que também faz a renda. E quer vê demora... É porque a gente faz sem costurar nenhuma parte das rendas, sem emendar uma na outra, só fazendo com a linha e os bilros mesmo aí demora que só. (rendeira A, 2022).

[...] Teve uma que fiz no começo do ano para uma moça que queria uma espécie de cachecol. Esse era estreito, mas comprido. Levou um tempo bom, porque era com o tipo de renda traça. Aí demora, é um gasto de linha e haja coluna e vista. E como era uma peça única, só foi fácil de terminar porque era estreita, mas me tomou um tempão. E tenho que dizer que não usei emendas de costura, foi tudo direto aqui na minha almofada. (rendeira K, 2022).

Um ponto curioso mencionado durante as entrevistas, são as músicas, cantadas durante os encontros em grupo para a produção da renda. Durante este momento, conforme a rendeira L (2022), lembra, ficávamos quando pequenas, só olhando e ouvindo o som dos bilros, que é único, ainda tinha as músicas que elas cantavam, as fofocas que eram ditas nessa hora... Era muito bom, tempo que não volta. A rendeira H (2022), complementa: [...] ficamos as vezes cantando e as vezes só aproveitando o som das batidas que os bilros fazem [...].

A rendeira M (2022), chama atenção para a delicadeza que as rendas da terra possuem: [...] sei que aqui é uma renda bem bonita, delicada e é diferente das da capital ou de outros estados. Tem os tipos, né meu filho!? Cada uma sabe o que tá fazendo [...]. Para a rendeira H (2022), [...] outro ponto que é interessante ter atenção é a delicadeza das rendas, a linha é fundamental e a almofada é tão quanto, porque é a base para firmeza quando movimentamos rapidamente os bilros [...].

Quanto aos locais de produção, as rendeiras destacam em suas falas, áreas das suas casas como as varandas, os quintais, a sala, a cozinha, mas destacam alguns locais, como a Escola de Rendas (que funciona em uma sala na Secretaria de Cultura), a Central da Renda e ainda a antiga Associação das Rendeiras que foi desativada. Entretanto, chama a atenção, além da produção da renda, é a união entre elas, ir para a casa de suas amigas, para produzir as peças de renda, com muita conversa e cantorias.

Desta forma, o lugar está presente neste universo, considerando os momentos de canções, da ida a casa de uma amiga e nas conversas, expressando as subjetividades que são características do lugar. Lugares podem ser símbolos públicos [...], mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação (Tuan, 1983, p. 421).

Figura 41: Escola de Rendas na Secretaria Municipal de Cultura



Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Cultura, 2019.

Figura 42: Central da Renda de São Sebastião – Alagoas



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

A Central da Renda, local que conta com uma exposição de peças exclusivas, que se encontram disponíveis para apreciação, também comercializa a produção das rendeiras sebastianenses. As peças são marcadas pela maestria das rendeiras, como mostram as figuras 43, 44 e 45.

Figuras 43, 44 e 45: Peças disponíveis na Central da Renda.





Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Além das peças expostas na Central da Renda, algumas rendeiras fazem almofadas em tamanho reduzido, miniaturas de todos os equipamentos de confecção da renda de bilros, e as próprias rendas que são vendidas para colecionadores ou entregue em momentos de visitação, uma espécie de recordação dessa arte, itens de decoração para capa de celular, entre outras peças, como mostram as figuras 46 e 47.

Figuras 46 e 47: Almofadas em miniaturas e item de decoração.



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2023.

Da antiga e extinta Associação das Rendeiras, não se tem fotos de sua fachada, apenas registros de algumas reuniões que ocorriam no local. São os únicos registros existentes no acervo da Secretaria de Cultura, após a fundação da associação em 05 de maio de 2000.

Figura 48: Associação das Rendeiras



Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura. 2001.

Nesta associação, as rendeiras se reuniam para debater a produção da renda, a quantidade de encomendas, organização de feiras e exposições, aquisição de insumos. Ou seja, pautas que buscassem uma organização interna, a fim de construir melhores condições de trabalho e ganhos.

Figura 49: Foto das rendeiras reunidas na Associação das Rendeiras



Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura, 2001.

Contudo, essa associação começou a entrar em crise com a presença de atravessadores. Conforme os anos foram passando, as rendeiras foram se afastando, desacreditadas e desiludidas em relação aos cuidados que elas tanto alimentavam. Para algumas, falar da associação é assunto complicado e nenhuma demonstrou interesse em aprofundar a conversa. Quando muito avançam é para ressaltar, [...] a Associação não existe mais, procure aí que você não acha [...]. (rendeira M, 2022). Ou ainda,

Minha mãe ainda fez parte da Associação das Rendeiras, mas saiu com o tempo, não tinha nenhum encontro ou reunião, lembro que minha mãe chegou em casa e já foi dizendo que não ia mais. Eu tenho fé que ainda vai ter uma ação, assim, de valorizar a nossa arte. (rendeira E, 2022)

[...] minha mãe já foi da associação e hoje não é mais, acho que se for falado até é possível ser motivo de briga. Ai, agora tem a Central da Renda no meio da Praça que era o Largo Muniz Falcão, aí agora mudaram até o nome da Praça para Roque Lagoa [...]. (rendeira H, 2022)

[...] Aí fica mais complicado, por isso que se for olhar direitinho você encontra uma parte das rendeiras aqui nessa mesma rua que eu moro e as outras espalhadas, uma lá e outra mais longe ainda. E não é sonhado em reativar a associação de forma alguma [...]. (rendeira J, 2022)

A importância da Associação das Rendeiras como um ponto de encontro e socialização, é clara. Mas, por outro lado, ao tratar do assunto, praticamente todas demonstram uma insatisfação, nenhuma delas chega a externalizar os motivos que motivaram a saída, apenas reagem de maneira negativa ao referido local. E por mais que haja essa insatisfação, ainda veem a antiga associação como um Lugar.

Um outro aspecto abordado pelas rendeiras foi a importância da renda de bilro para a economia e a cultura do município de São Sebastião. Um dos itens que acenam ao descontentamento em relação a incentivos financeiros, apoio com os materiais básicos à promoção dessa arte e a falta de valorização alinhada a carência de visibilidade. É possível perceber a quase unanimidade esse sentimento em relação a Prefeitura Municipal ou a Secretaria Municipal de Cultura, quando não apontam ambas.

As rendeiras H e J (2022), expressam esse descontentamento com o município:

[...] É preocupante, sabe! Já que se a gente pesquisar a história daqui, de São Sebastião colocam o município com relação direta ao artesanato da renda. Se todos tem essa informação, porque não ter maior visibilidade para essas artesãs [...]. A Secretaria de Cultura daqui tem essa carência, não tem uma visibilidade grande, outra coisa, as rendeiras daqui já trabalharam juntas, em associação e tudo mais, só que uma tem problema com a outra e foi se desfazendo, aí não existe mais se for olhar na prática, minha mãe já foi da associação e hoje não é mais, acho que se for falado até é possível ser motivo de briga. Ai, agora tem a Central da Renda no meio da Praça que era o Largo Muniz Falcão, aí agora mudaram até o nome da Praça para Roque Lagoa [...]. (rendeira H, 2022).

É uma grande missão manter algo vivo sem ter com quem contar, certo que tem a Secretaria de Cultura, a própria Prefeitura e até do estado também, mas, para chegar a nós é algo muito difícil, ninguém se estrutura ou movimenta para fazer algo pela gente, aí fica cada uma por si [...]. (rendeira J, 2022).

Além dessas dificuldades, uma das rendeiras chama a atenção para o desinteresse das aprendizes na Escola das Rendas, que estão sintonizadas no aparelho celular, bem mais do que em aprender a fazer renda.

Esperançosa com a continuidade desta cultura, considerando não só as famílias tradicionais que a muito tempo fazem essa arte, mas também a missão assumida pela Escolas das Rendas, que é conduzida pelas rendeiras Maria e Josefa Severiano, aponta a rendeira F (2022),

O bom é que lá no centro tem a Central da Renda, agora e lá na Secretaria de Cultura ainda tem a Escola da Renda, tem umas turminhas que estão aprendendo, Graças à Deus. Vejo muita gente vindo de fora, até de outros estados para aqui e fazem os pedidos das rendas, ai quando uma rendeira tá muito cheia, ela já passa para a outra ver se pode fazer. (rendeira F, 2022).

Elas também ressaltam a relação do município com a cultura das rendas de bilro. Em pesquisas em sites eletrônicos é possível encontrar informações a esse respeito e até slogan do município como “São Sebastião – Terra das Rendas de Bilro”. O IBGE (2018), em seu website também destaca essa relação. Para a rendeira A (2022),

[...] em São Sebastião, já de muito tempo, a renda de bilro era feita, né?! Aí por isso o pessoal chama de “terra das rendas de bilro” foi passando o tempo ai o pessoal conhece aqui como São Sebastião –

Terra das Rendas de Bilro, outros cantos aqui de Alagoas faz renda também, só que não é igual a nossa, ai eu acho sim que a renda é importante pro município. (rendeira A, 2022)

[...] porque se for olhar São Sebastião, têm nas entradas da cidade coisas que a gente percebe que tem renda, que tem alguma coisa de artesanato, o trevo daqui mesmo subindo a avenida, logo na chegada, tem a placa com o nome São Sebastião e tem os bilros e a almofada, ai não tem como não chamar atenção. No outro trevo a gente já tem a placa grande com a mensagem “São Sebastião – Terra das Rendas de Bilro”. Ai tem o desenho da Clarice Severiano, esse fico lá no Rancho Alegre, pertinho do viaduto daqui. A Clarice era bem conhecida aqui. Por isso, acho importante sim para São Sebastião, e ai não deveria essa produção acabar nunca. (rendeira B, 2022)

Veja só, a cidade daqui, é conhecida como São Sebastião – Terra das Rendas de Bilro”, só que é muito complicado você dizer isso, sabe porque?, porque não é o município todo que faz, não tem muita rendeira, não tem mais a associação que funcionava aqui (aponta para direção que era a associação e hoje é uma casa), [...] querem saber e a gente não pode mentir, se não tem tanto incentivo a gente vai ficar igual, acho eu! Que igual a Arapiraca, você sabe que lá era chamado de “Terra do Fumo”, hoje se você pesquisar lá, nem sabem direito o que é fumo, eu fico preocupada em manter essa tradição, as nossas rendeiras mais antigas, como eu, a mãe de algumas amigas e minhas amigas [...]. (rendeira K, 2022)

Considerando estas falas, é possível entender a preocupação, o desconforto e a visão de futuro que se espera ou se tem da continuidade deste legado. O último relato (rendeira K) faz um bom paralelo entre o município de São Sebastião – conhecido pelas rendas de bilros, com o município de Arapiraca – conhecido como terra do fumo, alertando sobre o possível caminho que chegará São Sebastião se não houver uma ação positiva em prol da valorização das rendeiras.

3.2 A epítome do lugar

Bem vindos a São Sebastião – Terra das Rendas de Bilro. Assim está escrito no pórtico de entrada da cidade, evocando a renda e as rendeiras para receber aqueles que ali chegam. Na outra entrada, está a escultura de uma almofada completa. Portanto, a relação entre a antiga Salomé e a renda de bilros se mostra indissociável.

Figura 50: São Sebastião - Portal de boas-vindas



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2024.

Conforme assinalado no capítulo anterior, essa relação é marcada por subjetividades da parte das artesãs da renda. A propósito, destaca uma das rendeiras entrevistadas:

Gosto de fazer as coisas de casa, passadeira, que o pessoal conhece por caminho de mesa; capinhas para decoração, bicos para pôr nas bordas de panos de decoração. Fica lindo! Minha irmã mesmo fez uma colcha grande, mas grande mesmo, na cor vermelha. Acho que nenhuma outra rendeira fez uma peça tão grande. Tinha no final 2.30 metros de comprimento por 1.90 de largura. Ela usou a linha vermelha da marca Esterlina, número 10. Ela é mais grossa que a linha de número 20. (Rendeira M, 2022).

O sentimento de orgulho pela arte da renda e a relação entre esta e a antiga Salomé, é quase unânime entre elas. Na figura abaixo (51) é possível visualizar a peça de grande proporção a que se refere a rendeira M. Observa-se o sofá completamente coberto pela colcha.

Figura 51: Colcha de renda de bilro



Fonte: LIMA, J. W. S. P., 2022.

Além da Associação das Rendeiras, um outro polêmico entre as rendeiras é a figura da chamada “atravessadora”, que outrora foi responsável pela mesma. Essa “comerciante”, tem hoje a sua imagem fortemente associada ao Ateliê Martha Medeiros, com sede na cidade de São Paulo. Espaço conhecido pelas peças de elevado valor e requinte. Ou seja, verdadeiros artigos de luxo. Uma das rendeiras entrevistadas lembra ter solicitado a sua filha que pesquisasse valores no mencionado ateliê e ter ficado assustada com os valores vistos. Exorbitantes, principalmente se comparado com que elas comercializam em São Sebastião. Quer dizer, aquele produto oriundo de São Sebastião, não dá o retorno que poderia, visto que a figura da atravessadora elimina essa possibilidade real. Com indignação, declarou a rendeira M (2022),

A Associação não existe mais, procure aí que você não acha. Digo mesmo!!! Aí tem a Vânia que vende para a Martha Medeiros. Tem rendeira que faz aí fica se achando porque vendeu para esse pessoal.,

mas, uma vez pedi para minha filha olhar na internet o preço que vendem fora, quando olhamos fiquei besta, surpresa, aqui as rendas são vendidas baratinhas, depende do tamanho claro, dez, vinte, trinta pra cima e lá fora chega a ser vendido a mais de mil uma roupa ou algum detalhe de casa. Fiquei muito triste, mas não pode fazer nada. Os grandes daqui de São Sebastião sabem que é importante até para eles. (Rendeira M, 2022).

Esse último trecho, “os grandes daqui de São Sebastião sabem que é importante até para eles” corrobora com as falas de outras rendeiras ao acrescentarem a importância da renda de bilro, não só na vida delas e das suas famílias, mas também da cidade, do município de São Sebastião. Também chama a atenção às instituições desenvolver ações visando favorecer e dar visibilidade a comunidade rendeira. Não mais organizadas em associação, mas usando de outras estratégias e assim, permitir a todas elas a possibilidade de continuar com a sua arte, reforçando a relação da renda com São Sebastião, com o lugar, a partir das suas experiências. Permitindo algo como “uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar”, como preconiza Tuan (1983, p. 16), no clássico “Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência”.

Ou seja, o mesmo lugar citado no capítulo anterior, dotado de significados, construído de forma individualizada ou por grupo sociais. Que acontece nos momentos de favorecimento e desfavorecimento, posição e oposição, pertencimento e repulsa, materialidade e imaterialidade, valores e desvalores, cotidiano e experiências vividas, uma comunhão de todos estes elementos. Repetindo Tuan (1983, p. 3), “o lugar é segurança e a ele estamos ligados”.

Demonstra-se, então, uma relação afetiva entre o lugar e as pessoas, ou melhor, que as pessoas têm para com o lugar, neste caso, a relação das rendeiras de bilro com o lugar, que transmitem seus conhecimentos, vivências, experiências e sentimentos, é a partir de suas mãos ágeis e habilidosas no entrelace de cada linha que o lugar se faz presente. Se constituindo este, em uma obra, uma obra geográfica indispensável a compreensão do espaço geográfico, especialmente em um mundo acelerado e de apatia a sentimentos efêmeros e desvinculados do lugar.

LINHAS FINAIS

*Da varanda suspensa
De São Sebastião
Entocada por ipomeias
Pés de manga, costela-de-adão
Eu me sentava pra ver
Aquele quadro vivo mudar*

(Varanda suspensa – Céu, 2016)

A partir da pesquisa realizada, fazendo uso de fontes bibliográficas, acervos documentais e trabalho de campo, esta dissertação consiste numa análise do lugar, como categoria essencialmente geográfica, a partir de São Sebastião – Alagoas à luz da produção da renda de bilros e a relação intrínseca existente entre essa arte com aquele lugar.

As protagonistas desse universo, as artesãs, rendeiras vivem especialmente na cidade de São Sebastião. Desenvolvida paralelamente as atividades domésticas, a renda de bilro não consiste numa profissão e tampouco confere ascensão no âmbito econômico as suas praticantes em um município onde a agricultura, a pecuária e o pequeno comércio local constituem a base da economia.

Trata-se de uma atividade predominantemente desenvolvida por mulheres na faixa etária dos cinquenta anos. São donas de casa, aposentadas; ou funcionárias públicas de diferentes áreas, como saúde e educação, que conciliam a arte da renda com a sua profissão. Portanto, não vivem unicamente da produção das rendas, mas sim, a fazem como complemento de renda, lazer e muito amor, que se revela no esmero com que se entregam quando estão batendo os bilros.

Desafios como falta de valorização dessa arte com preços baixos na hora da venda para compradores do próprio estado ou de outras partes do Brasil e do mundo, foram mostrados com base nas entrevistas realizadas. Através destas, também foi possível trazer à luz as insatisfações com a baixa rentabilidade e a grande instabilidade nas vendas, o que faz com as rendeiras priorizem o trabalho formal, em detrimento da produção da renda de bilro. O que aliás, faz com que em alguns casos a rendeira retome a sua atividade com os bilros somente após a aposentadoria.

Esses dilemas, associados a ausência de incentivos eficazes do poder público e problemas de saúde como visão ou dores de coluna acabam desmotivando a produção das rendeiras, acarretando numa diminuição na confecção das peças.

Também foi possível perceber uma crescente preocupação com a continuidade dessa tradição que tanto caracteriza São Sebastião, que encontra limitações ou fortes barreiras para prosseguir batendo os bilros, partindo da falta de interesse das novas gerações pelo ofício. Ainda que seja tradicionalmente ensinado em casa, pela matriarca da família ou pela vizinhança. Nem mesmo a criação da Escola das Rendas tem conseguido vencer este obstáculo.

Ainda que o cenário seja desafiado, o bater dos bilros continua e ecoar na antiga Salomé e a reafirmar o seu espaço no mapa da cultura popular em Alagoas e no Brasil. Reafirmando a renda de bilros como uma marca de um lugar, hoje chamado São Sebastião.

Concluindo esta etapa, fica também o desejo que cada pessoa que tenha acesso a esse trabalho possa conhecer a rotina das rendeiras e a produção dessa arte tão cara à São Sebastião.

REFERÊNCIAS

Alagoas em Dados: Governo do Estado de Alagoas. 2022. Disponível em: <https://dados.al.gov.br/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

AMARAL FILHO, Fausto dos Santos. **Hermenêutica:** o que é isto, afinal?. In: AZEVEDO, Heloisa Helena Duval de; OLIVEIRA, Neiva Afonso; GHIGGI, Gomercindo (Orgs.). *Interfaces: temas de Educação e Filosofia*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2009. p. 39-53.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**. Brasília: Senado Federal, 2005. Série Edições do Senado Federal, v. 62-A e B.

BIBLIOTECA DIGITAL LUSO-BRASILEIRA. **A renda de bilros e a sua aculturação no Brasil**. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/431621>. Acesso em: 10 set. 2023

BIBLIOTECA DIGITAL LUSO-BRASILEIRA. **Cartas encaminhadas ao Casal Ramos**. Disponível em: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/13878/discover?rpp=10&page=2&query=renda+de+bilro&group_by=none&etal=0. Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016, p. 496.

BRASIL. **Decreto de 21 de março de 1991**. Institui o Programa do Artesanato Brasileiro e dá providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/anterior%20a%202000/1991/dnn63.htm. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 1.508, de 31 de maio de 1995**. Dispõe sobre a subordinação do Programa de Artesanato Brasileiro, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1995/D1508.htm. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 80.098, de 8 de agosto de 1977**. Institui o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D80098impressao.htm. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 83.290, de 13 de março de 1979**. Dispõe sobre a Classificação de Produtos Artesanais e Identificação Profissional do Artesão e dá a outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D83290.htm. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, ano 152, n. 203, 23 outubro 2015. Seção I, p.2.

BRASIL. **Portaria nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018**. Diário Oficial da União,

Brasília, DF, ano 155, n. 147, 1 agosto 2018. Seção I, p. 34.

BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12915>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CATELLANI, Regina Maria. **Moda Ilustrada de A a Z**. Barueri, SP: Manole, 2003. (revisão técnico-terminológica Laís Helena da Fonseca Pearson).

SEVERIANO, Clarice. **Entrevista datada 2010**. Arquivo pessoal da família.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**: tradução de PIMENTA, Luíz Fugazzola e AFECHE Margareth de Castro. 3. ed. Florianópolis: EDUFSC, 2007.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**. In: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel Balthazar. Introdução. In: **Artesanato brasileiro: rendas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1986.

DRUMMOND, Terezinha Bandeira Pimentel. **Tecendo vidas: Cultura e trabalho das rendeiras da Prainha de Aquiraz – CE**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2006.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. IBGE: Rio de Janeiro, 1959. (Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira).

FELIPPI, Vera. **Decifrando rendas: processos, técnicas e história**. 1. ed. Porto Alegre, RS: Ed. da Autora, 2021.

FERREIRA, José Robson Gonçalves. **A formação urbana de São Sebastião/AL: da presença indígena aos caminhos das tropas**. 2022. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia – Curso de Geografia, Campus I, Universidade Estadual de Alagoas, Arapiraca, 2022.

FUNARTE. **A renda de bilro e a moda**: Ambiente design. 1981. Disponível em: http://www.um.pro.br/prod/_pdf/000125.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

GADAMER, Hans-Georg **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2005.

GHEDIN, Evandro. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. **Anais do II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, 2004, Bauru. Anais... Bauru: USC, 2004. p. 1-14.

GOVERNO DO ESTADO DE ALAGOAS. São Sebastião - Documento [arquivo PDF]. Disponível em: <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/966488d3-2ca4-467f-8301-273c13aec0e2/resource/2ed00a32-590f-44cc-8883-b34732119948/download/sao-sebastiao.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **São Sebastião - 2018**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/sao-sebastiao>. Acesso em: 11 ago. 2024.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE **GEOGRAFIA** E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 28 ago. 2023.

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL/BA. **Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas – SBRT** (2006) .Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sbrr/renda-de-bilro,f85a6b8e43f82810VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 15 set. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

LUZ, Geovana Alves da. **De artesanato a tradição**: a preservação da prática da Renda de Bilro na Ilha de Santa Catarina. 2016. Monografia (Museologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. 2016.

MAIA, Isa. **Artesanato brasileiro**: rendas. 2ª. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1986.

MARTINS, Saul. **Contribuição ao Estudo Científico do Artesanato**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

MELLO, João Baptista Ferreira. **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991**: uma Introdução à Geografia Humanística. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Tradução de FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2006.

PORTO ALEGRE, Sylvia. **Mãos de Mestre**: itinerários de arte e tradição. São Paulo: Maltese, 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO SEBASTIÃO. Nossa História – Terra das Rendas de Bilro. Disponível em: <https://saosebastiao.al.gov.br/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico, 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale.

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14763>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SANTOS, Sinval de Jesus. **Pouso dos Tropeiros e os Pioneiros**. Arapiraca/AL:

Gráfica Central, 2023.

SEAMOM, David. Body-subject, time-space routines, and place-ballets. In: Anne Buttner and David Seamon (eds.). **The Human Experience of Space and Place**. New York, St. Martin's Press, p. 148-165, 1980.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA – SECULT.

Dona Clarice (falecida). 2012. Disponível em: <https://secult.al.gov.br/politicas-e-acoes/registro-do-patrimonio-vivo/mestres-do-rpv-al-por-ano-de-premiacao/ano-2008/593-dona-clarice-falecida>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO, GESTÃO E PATRIMÔNIO - SEPLAG. Disponível em:

<https://dados.al.gov.br/catalogo/organization/about/secretaria-de-estado-do-planejamento-gestao-e-patrimonio-seplag>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO, GESTÃO E PATRIMÔNIO – SEPLAG. **Governo de Alagoas**. Disponível em: <http://seplag.al.gov.br/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SÃO SEBASTIÃO - ALAGOAS. Disponível em: <https://saosebastiao.al.gov.br/secretarias/cultura-e-turismo/7>. Acesso em: 20 set. 2024.

SENAC. **Fios e Fibras**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2002.

SIDI, Pilar de Moraes; CONTE, Elaine. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1942-1954, out./dez. 2017.

SILVA, Amaro Gabryell Alves. O desenvolvimento territorial da cidade de São Sebastião (AL) - 1972. **Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos - A Construção do Brasil: geografia, ação política e democracia**, 2016.

SILVA, Vera Lucia Felippi da. **Acervo de rendas Lucy Niemeyer**: uma contribuição para o design. 2013. 173 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Escola de Engenharia, Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

SILVA, Vera Lucia Felippi da. **Museu Moda e Têxtil UFRGS**: fonte de preservação e pesquisa em ambiente digital. 2018. 180 f. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Escola de Engenharia, Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre, 2018.

SOARES, Doralécio. **Folclore catarinense**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

STRAFORINI, Rafael. **No Caminho das Tropas**. Sorocaba: TCM, 2001. p. 22.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Notas sobre Epistemologia da Geografia**. Cadernos Geográficos/Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências. n°1, Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.

TUAN, Yi-Fu. Ambiguidades nas atitudes para com o meio-ambiente. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 245, p. 5-23, 1975.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

ZANELLA, Andréa Vieira; BALBINOT, Gabriela; PEREIRA, Renata Susan. Re-criar a (na) Renda de Bilro: Analisando a nova trama tecida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2000, v. 13, n. 3, p. 539-547. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/YXZTrJgB4VdPq8xXVpYHzXC/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2024.

A decorative border consisting of two parallel L-shaped lines. The outer line starts at the top left, goes down, then right. The inner line starts slightly to the right and down from the top left, also goes down, then right, ending slightly before the outer line.

ANEXOS - ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 - Rendeira A

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Meu filho, eu aprendi com minha mãe, aprendi mexendo na almofada dela, quando ela saia eu já começava a mexer nos bilros, num sabia nem o que era, tinha mais ou menos uns 6 anos, e fazia uma reinação danada, minha mãe sempre brigava com motivo já que os bilros tinham que ficar no jeito que ela deixava, né. Ai eu sempre fui curiosa, ficava vendo tudo, ai comecei a fazer minhas rendas com uns 8 anos de idade, mais ai eu já sabia fazer desde os 6 e 7 anos. Eu uso já a mesma almofada a uns 53 anos lá de trás, muito tempo, né?! (risos). Ai eu arrumo a minha almofada todo começo de ano, desmonto ela toda e arrumo de novo, se tiver meio mole ou estragada alguma coisa eu já faço a troca, tiro todos os pedaços de pano, vejo tudo e moto de novo, para ficar novinha e aguentar mais um tempinho.”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Eu tenho costume de fazer mais renda de noite, acho que juntando as horas do dia e da noite vai ser umas 2 horas ou um pouquinho mais, sempre faço um pouquinho a cada dia, tenho que fazer de dia ou de noite. Trabalho bem pouco agora, mais, fico sempre fazendo.”

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Tudo depende, rapaz! Tem que ver o tamanho da renda que vai ser feita, a largura, o jeito... (Respiro fundo). O modelo é que vai dizer se termino logo ou vai demorar. Têm renda que dá pra terminar logo, se for uma renda grande, largona... ai demora e se tiver as traças, ai demora muito. Têm desenho que a gente demora fazer, ai já fiz umas grande, sozinha e com a ajuda da minha irmã que faz também a renda, e quer vê demora é porque a gente faz sem costurar nenhuma parte das rendas, sem emendar uma na outra só fazendo com a linha e os bilros mesmo ai demora que só.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“Assim, na minha almofada eu uso dentro a palha de bananeira, tem todo um processo, tem que ser a palha de bananeira seca, bem sequinha, eu gosto de fazer a minha almofada que já falei, ai deixo ela bem do jeitinho que eu gosto, pra não deixar

de qualquer jeito. Eu uso na minha almofada esse papelão (aponta), aí a gente usa também papel madeira ou aquele papel Paraná. Depois a gente já vê as linhas, usa os alfinetes e não dá para esquecer dos bilros, porque a gente já sabe que se não tiver eles a gente não faz nada. Olhe as linhas a gente compra a Esterlina, só que não é muito fácil de trabalhar com ela não, já conversamos eu e minha irmã com o pessoal da Secretaria de Cultura daqui (São Sebastião). A gente tá tentando achar outra linha, a que era boa de trabalhar era a da marca Âncora, as rendeiras todas usavam, essa daqui a Esterlina é... têm uns problemas, a cor muda rápido, aí o costume daqui é usar a linha na cor tradicional branca, aí dá problema com a cor, a gente sai perdendo, mais aí, a gente tá tendo esse problema. Uma linha boa, boa mesmo de trabalhar era da Âncora, aí não acha mais por aqui e nenhum canto porque parece, chegou pra gente que tinha pegado fogo na fábrica dessa linha. Essa era boa, vinha com carretel grande de madeira, pense numa linha. Meu filho até vídeo eu já fiz para a fábrica dessa linha aí (Esterlina) porque é uma linha boa, mas, isso no tamanho, a espessura dela, o defeito é que o tempo ele vai deixando ela escura, não sei porque, eu coloco paninho para cobrir a peça feita e até quando tô fazendo, que já é costume meu cobrir para não levar poeira nem nada. Aí do vídeo a gente conseguiu enviar para o pessoal da empresa, eles só falaram que ia ver o que acontece para ficar assim, mais até hoje nada, fica escura do mesmo jeito, aí eu cubro, quando tô fazendo coloco uns paninhos e quando já terminei de fazer a renda já deixo dentro de um plástico para proteger, só meu filho que... não tem nada que não deixe essa linha não ficar escura, meio amarela. Aí por isso que a gente fez uns vídeos e pedimos pra enviar pro pessoal da empresa que faz essa linha, pra eles verem que muda a cor, num sei o jeito dela. Aí como num tem outra a gente usa essa, porque mesmo assim é boa de trabalhar. De tudo o mais caro é o bilro, os bilros são “salginho” pra pagar, é mais ou menos uns R\$ 40,00 reais a dúzia, tem só um senhor aqui em São Sebastião que faz os bilros, mais as rendeiras daqui a gente vive pedindo que ele prepare outra pessoa pra fazer esses bichinhos, porque se ele morrer a gente vai ter outra dificuldade para achar alguém que faça e do jeito certo. Aí sempre que vou encomendar com ele os bilros, eu já fico pedindo para ele ver com o filho se pode fazer, aprender quer dizer. Aí o filho fica rindo ou não fala muito que, porque dá trabalho fazer, aí tudo conta. Mais fazendo a renda a gente vê a linha ficar do jeito que a gente movimenta os bilros, bate um no outro, dá gosto de ver, fazendo os desenhos... fica bem bonita.

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Assim, aqui em São Sebastião, já de muito tempo, a renda de bilro era feita, né?! Ai por isso o pessoa chama de “terra das rendas de bilro” foi passando o tempo ai o pessoal conhece aqui como São Sebastião – Terra das Rendas de Bilro, outros cantos aqui de Alagoas faz renda também, só que não é igual a nossa, ai eu acho sim que a renda é importante pro município, só que estamos fazendo a renda, tipo eu e minha irmã, fazemos ai tem uma vizinha e amiga que faz, só que não são muitas. É uma tradição que têm que lutar pra ficar, a gente briga para fazer essa renda, e principalmente deixar ela conhecida para não acabar. Por isso, a gente tem que valorizar e conta que a Prefeitura ou secretarias venham a dar apoio, mais se não der a gente vai fazendo assim, passa para quem quer aprender, as crianças, senhores ou senhoras porque tem gente que procura para aprender, e não pode deixar morrer essa tradição, costumes, essa arte aqui ela tem que ficar pro pessoal daqui e o povo de fora saber que São Sebastião tem arte e muito boa.

ENTREVISTA 2 - Rendeira B

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Eu aprendi quando era pequena com a minha mãe, acho que tinha uns 8 anos, mais já ficava brincando com os bilros das almofadas, minha mãe tinha umas 2 em casa, ai ficava ela em uma e eu ficava na outra, sem saber para onde iam os bilros, mais ai, olhando minha mãe fazendo, eu já ia passando de um lado para o outro, ela achava graça, mais também chamava atenção para não bagunçar muito (risos). Só que fui fazer renda mesmo já com uns 9 anos, porque com 8 eu só ficava brincando mesmo.”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Olhe, hoje eu fico bem pouquinho, já fui de ficar horas e horas sentada e fazendo a renda, ai faço no quintal, faço na frente de casa na sombra, vou fazendo no tempo que dá, quando tem encomenda de alguém, ai eu fico mais tempo, só que se não tiver, ai fico jogando tempo fora, a coluna e as vistas não são tão boa hoje, sabe como é quando a idade chega (risos). Ai gosto de fazer assim para passar um pouco do dia.

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Sendo bem sincera, vai variando, como falei tem mês que tem pedido ai faço o mais rápido que dá, se for muito em cima, as vezes eu nem pego o pedido porque já sei que não dá tempo, ai depende do tamanho que a pessoa quer, ai o molde que eu uso também, pego com as minhas amigas ou até as vizinhas que fazem também, as vezes é fácil de pegar outras vezes não é tanto, ai o que dá para deixar de modelo em casa eu já deixo.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“Você fala de que? Da almofada... veja bem! Tem os matérias ai o que é usado, a almofada, o molde, que se for falar é chamado de papelão pela maioria aqui, os alfinetes, as linhas e os bilros. De tudo, eu acho que o que fica mais difícil de achar é o bilro, porque só tem o Senhor ali em cima, o Zé da Serraria que faz, ai o par que a gente pede sempre é com 12 bilros, que se for por par dá meia dúzia de bilro, ai fica uns R\$ 50,00 conto ou mais. Ai a almofada eu mesma faço, encho ela de palha de bananeira que a minha mãe ensinou, ai cubro com um pano, tenho costume (risos) de

ir comprar ali, na loja da finada Calu, só que não é a mesma coisa. Eu comprava a ela, ainda compro na lojinha, não é do mesmo jeito que antes, mas, compro. Ai compro o tecido – tipo Xita, compro também a linha já na outra loja, que a do Armarinho. E os alfinetes também porque são mais baratinhos. E acho que falei de tudo, né? [...] (Pensa e afirma) “Peraí”. Tem o papelão que eu compro também ou então pego das outras rendeiras, só que eu tenho uns modelos para não ficar sem em casa.

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Eu acho que sim, porque se for olhar São Sebastião, têm nas entradas da cidade coisas que a gente percebe que tem renda, que tem alguma coisa de artesanato, o trevo daqui mesmo subindo a avenida, logo na chegada, tem a placa com o nome São Sebastião e tem os bilros e a almofa, ai não tem como não chamar atenção. No outro trevo a gente já tem a placa grande com a mensagem “São Sebastião – Terra das Rendas de Bilro”. Ai tem o desenho da Clarice Severiano, esse fico lá no Rancho Alegre, pertinho do viaduto daqui. A Clarice era bem conhecida aqui. Por isso, acho importante sim para São Sebastião, e ai não deveria essa produção acabar nunca.”

ENTREVISTA 3 - Rendeira C

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Eu aprendi com a minha avó, minha mãe não quis fazer, mais minha avó sempre fazia e chamava as meninas de casa, aí eu e minhas primas fazemos, uma ou outra não faz. Na época tinha mais ou menos uns nove anos.”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Meu filho, eu gasto em média umas horinhas do dia, digamos que duas horas, as vezes mais e as vezes menos, você sabe, dona de casa tem tempo para fazer comida, arrumar a casa, ajeitar o terrero, aí fico fazendo as vezes de manhazinha, acordo cedo umas 4 horas estou de pé já, também umas 8 horas já to dormindo, se não tiver cochilado já na sala. A noite não costumo fazer só se eu perder o sono, e de dia tenho mais tempo no final da tarde, umas 16 horas em diante. Depois tem que fazer a comida, a janta.”

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Eu acredito que tem uma média de seis a dez metros, mais que isso é exagero meu. É mais de cinco metros eu acho todo mês, eu tenho esse tempo, deixo só para a renda todo dia, aí quando vejo fica nessa medida, o pessoal encomenda, mas, só aceito se derem um tempo bom. Fazer apressada não dá, minha visão não é boa como antes, aí vem dores na coluna, e até nas mãos. Mais é tão bonito o som dos bilros batendo que a gente mesmo sofrendo faz.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“É bem simples, meu filho, oh! Tem a almofada, tem esse banquinho aqui (aponta), tem os alfinetes, os bilros, o papelão, é isso, não é muito difícil ter essas coisas. De tudo aqui, o mais carinho é os bilros. São comprados pela gente pra poder fazer as rendas. Compro lá em cima, no Serraria. Só ele que faz aqui viu, nem os filhos dele faz, só ele mesmo. Olhe que a gente já pediu para ele ver os filhos e deixar eles aprendido. Ele tem que ensinar como a gente ensinou as nossas famílias, ele já deixa ensinar a fazer, o filho dele disse uma vez que não faz porque dá trabalho, até fez uma ou outra vez, não tem o mesmo jeito do pai, mas, já é um começo.”

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Ah, sim! É muito importante para o município todo, a gente é conhecido como Terra das Rendas, ali no trevo tem a placa com a foto da Clarice, lá na avenida na outra saída você já vê uns bilros, a almofada, mais se olhar mesmo, se não for a gente, nós rendeiras mesmo, não tem renda de bilro aqui, tem a Escola de Rendas lá na Secretaria de Cultura, que a gente conhece como Casa da Cultura, tem agora Central da Renda, fui uma vez, vi que tem umas roupas com aplicação de renda, tem a Maria e a Josefa que fazem as rendas a um tempo aqui, que são filhas da Clarice, até tem no trevo a foto lá na entrada da Clarice.”

ENTREVISTA 4 - Rendeira D

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Bem, eu aprendi com a minha mãe, que já tinha aprendido com a mãe dela, minha avó achava importante a gente aprender para se não tivesse os estudos, podiam ter a renda para viver.”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Eu faço mais ou menos umas duas horas por dia. Uma horinha de tarde ou horinha a noite”.

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Como eu faço só para casa ou uma amiga ou outra que me conhece eu faço uma média de metro, assim, meu filho não sei dizer certo, mas, pode por aí uns cinco metros por mês. E as vezes nem isso, porque tem semana que nem faço nada pela correria.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“Olhe, é a almofada, a linha, eu uso a Esterlina, número 20, acho que a maioria aqui, porque uma faz as outras também, se for uma renda mais dura ou muito, muito grande pode usar a de número 10 sossegado, porque ela é mais dura, grossa, aí dá firmeza, mas, normalmente é a branca, número 20 mesmo. Tem ainda, (para e pensa) os alfinetes, tem o papelão que a gente usa de molde. Ah! Nesse caso aqui, a gente só empresta um molde para a outra se for muito amiga, não tem essa de tá emprestando a todo mundo. A gente cuida, porque dá trabalho”.

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Muito importante, só que a gente precisa de mais apoio, ajuda, um incentivo, não sei se do município, o pessoal da Prefeitura, ou até da Secretaria de Cultura. Mas, é sim importante, a gente sabe, eles também, eu gosto, a gente educa nossas meninas e até os meninos aqui fazendo renda, aí vai além de artesanato, tem nossa história, nosso tempo, nossa vida. É importante fazer, manter e também repassar para os

jovens. A gente mais velho tem nem vista boa para ver, mais ainda fazemos, então, os jovens devem aprender também, porque é uma forma de vida se dedicar a ela, achando quem compre, não tem erro, jeito quer dizer, de dar errado.”

ENTREVISTA 5 - Rendeira E

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Eu aprendi meu amigo, pequena, sabe. Minha mãe me ensinou, minha mãe não tinha rendeira na família, mas, foi com o tempo e uma vizinha que chegou no bairro que a gente morava antes, aí foi, foi que a mamãe fez amizade com ela. A vizinha era boa, porque ensinou tudo a mãe. Passávamos a tarde na casa dela, até a minha mãe aprender. Quando aprendeu ainda ia mais já com deixava uma almofada na casa da vizinha e outra lá na casa veia da gente. Eu tinha oito anos na época. O bom foi quando a mamãe aprendeu, porque a gente fazia já aqui em casa, tem um terreno bom, aberto e arejado. Na casa da vizinha na outra rua a gente ficava no quintal e era bem quente. Só era a sombra de dentro de casa na área de lavar roupa. Eu ficava com uma almofada que a mamãe fez, tinha a almofada dela e ainda tinha da vizinha que ficava também, elas tinham cada uma almofada, uma na casa da outra.”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Quando eu trabalhava de professora, hoje sou aposentada, eu ficava fazendo de manhã, porque dei aula até me aposentar a tarde, levantava cedinho para ter tempo de fazer a renda, pessoal aqui em casa dormindo e eu fazendo o bilro, como os quartos ficam lá no fundo, na outra parte da casa, eu não tinha problema porque aqui no fundo sai na outra rua. Então ninguém ouvia aponto de incomodar, minha filha nunca quis fazer ou aprender a renda, pequeninha ela ainda quis, depois cresceu nunca tocou mais. Se for de horas, eu hoje fico mais ou menos umas três horas fazendo, tenho até encomenda. Quando dava aula fazia só para descansar e esparecer.”

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Antes eu acho que chegava a uns dois metros, agora pode colocar de certeza uns dez metros, também não consigo mais que isso, porque tem as outras coisas para dar conta, e agora aposentada tô viajando bastante, meu esposo ama viajar, os filhos já estão criados, então o compromisso é maior quando tem uma encomenda, mais estou evitando até, porque é demorado.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“É basicamente, a almofada, o suporte, os bichinhos aqui (aponta) – alfinetes, o papelão que eu pego na casa da Julinha, descendo aqui a rua, aí tem também as linhas e acho que só. A almofada eu mesma faço, minha mãe aprendeu e me ensinou, quando era viva ela fazia questão de ir nos sítios daqui pertinho, ali no Sítio Novo, por exemplo, pega umas no terreiro de amigas, umas palhas de bananeira, aí trazia aqui para casa, botava para secar se tivessem verde, ou já pegava sequinhas. Já agilizada, ela fazia a almofada dela e de amigas, a minha primeira eu só ajudei, foi ela que fez mesmo, amava a estampa da minha primeira almofada, eu pedi a ela que fosse com o tecido na cor azul com listrinha. Ela conseguiu, fiquei muito feliz, olhe meu amigo, uma coisa simples, né? As minhas amigas pediam as mães brinquedos, eu pedia a almofada da renda, é outra realidade quem tem essa arte na família. É triste não ver agora a minha filha que ela não se interessou. Só tive ela e um rapaz, mas, nem um nem outro, fora que o pessoal antigamente acho que se um homem fizesse a renda, era capaz de sair conversa, porque sempre era de mulher fazer. Mas tudo bem, se eles me derem netas eu vou tentar com fé em Deus passar para elas.”

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Sim, sem dúvidas! A renda ela é uma arte, é uma tradição, é uma forma da gente viver. Então, não tem como não ser importante. Claro, o município precisa mesmo ver e valorizar as rendadeiras daqui. Minha mãe ainda fez parte da Associação das Rendeiras, mas saiu com o tempo, não tinha nenhum encontro ou reunião, lembro que minha mãe chegou em casa e já foi dizendo que não ia mais. Eu tenho fé que ainda vai ter uma ação, assim, de valorizar a nossa arte. Eu sei que não vivo disso, mais, quem faz para além de um hobby, devia sim ser mais valorizada, as meninas vão lá na Escola das Rendas e assim, ainda bem que estão indo, acho que funciona de manhã ou é os dois horários. É bom isso, já que outras famílias estão tendo acesso a essa arte. Se for pensar bem, eu acho que nas escolas deviam ter essa articulação com a Secretaria de Cultura, já para manter, se não fosse assim, uma ação direta da Secretaria de Cultura de ir nas escolas, se tivessem muitas aprendizes, teria sem dúvida uma maior visibilidade. Sabe, lembrei aqui que nossa amiga Clarice, que o pessoal já chama de Mestra, a gente trabalhava a renda na escola e antes de me

aposentar teve uma Lei que falava sobre o dia da Rendeira, acho que foi até em alusão ao dia da morte ou é nascimento dela.”

ENTREVISTA 6 - Rendeira F

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Eu aprendi faz um tempo, mais de 50 anos, por que foi com a minha avó, minhas irmãs, ai todas aprenderam, meu pai casou duas vezes, ai a primeira família todas elas faziam a renda, já eram rendeiras, eu sou filha do segundo casamento dele, ai já aprendi com a minha avó por parte de pai, que já fazia a renda.”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Eu vou vendo o tempo de casa, se der tempo pela manhã eu faço um pouquinho, se for a tarde ou até a noite, a noite é mais ruim porque precisa ser bem clara a luz para ajudar a fazer a renda direitinho. Se eu for pensar, acho que faço mais ou menos umas 4 horas, por ai. As vezes passa disso.”

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Eu produzo muito, ai vai desde passar o tempo, ou até mesmo quando tem encomenda, a encomenda a gente se dedica mais, o tempo ai é mais corrido se a pessoa pedir peças para ontem, mais se for assim ai tem como pedir um pouco de valor mais alto pela produção. Mais não tenho mais o ritmo que tinha de ficar horas e horas mesmo que paguem.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“É isso aqui meu filho (aponta para a almofada e os itens), é os bilros, a almofada, ai tem esse suporte aqui, que eu coloco um banquinho, comprado na feira, ai se não uso ele uso um banquinho de plástico, não gosto muito porque se não deixar firme não tem como mover os bilros e a linha não fica com o jeito certo, tem esses alfinetes, tem o papelão. Esse é da minha amiga aqui do lado. Já foi lá?... e a linha eu compro ali no Armarinho.”

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“É muito importante sim, tem nossa história em cada renda feita, porque o povo já pergunta -Quem fez? Quem fez? ... digo porque já ouvi, o pessoal de fora ou o pessoal

daqui, você acredita menino que aqui tem gente que não sabe nem quem faz e as vezes nem liga ou então não sabe nem que tem a renda aqui. O bom é que lá no centro tem a Central da Renda, agora e lá na Secretaria de Cultura ainda tem a Escola da Renda, ai tem umas turminhas que estão aprendendo, Graças à Deus. Ai vejo muita gente vindo de fora, até de outros estados para aqui e fazem os pedidos das rendas, ai quando uma rendeira tá muito cheia, ela já passa para a outra ver se pode fazer.”

ENTREVISTA 7 - Rendeira G

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“É meu amigo, eu aprendi com a minha mãe, ela fazia as coisas em casa e já quando tinha um tempinho livre ela já ia fazendo um pouquinho de renda, ela que me ensinou a fazer, ela dividia um tempo para fazer as rendas dela e ainda ficava um tempo comigo, desde pequena com uns 8 ou 9 anos, ai fiz umas rendinhas, comecei com um bico pequeno, só para iniciar e depois fui fazendo rendas maiores.”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Meu filho, depende muito do que eu vou fazer, se o pessoal encomendar, eu faço uma média do dia de umas 4 horas, porque não dá para fazer muito mais que isso, ai olhando assim, faço quando perco o sono a noite também.”

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Eu faço de acordo com pedido do pessoal e faço qualquer hora do dia, (se em metros) eu acho que ia ser uns 10 metros a mais, faço bastante coisa, ai vai uma aplicação, peça de mesa, alguns bicos ai tudo vai variando, uso duas almofadas ai já ajuda. Outra coisa, o meu papelão aqui, (aponta) era usado pela Mestra, a finada Clarice. Eu faço os desenhos do papelão, furo um potinho por vez e repasso para as outras, se eu for olhar eu que faço essa parte todinha sozinha. As mestras de hoje, que são filhas da Clarice, porque até os meus moldes elas pegam, a Josefa que é filha dela faz renda boa. Ai a outra filha tem que outra rendeira começar para ela continuar a renda (meio chateada).”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“Uso a almofada, o alfinete, os bilros, a linha, ai para dar suporte já uso esse “tamburete”. Tem que deixar ela bem firme (a almofada). E tenho muito orgulho de fazer os moldes, tenho o jeito bem certinho, minhas mãos estão boas e certeiras. Graças à Deus. Ai os olhos agora já uso óculos a um tempo, ajuda bastante, porque se for fazer a renda a noite, posso fazer sem medo que não vai dar errado.”

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Eu considero que sim, porque tem gente, amigos, parentes e até os de fora vem aqui para ver as rendas, fico triste porque não tem peça para deixar logo assim pronta, ou um mostruário muito fácil de ver. Cada rendeira tem seus segredos, uma caixinha ou alguma gaveta cheia de renda, pedaços pequenos ou até peças maiores que não dão, não vendem, ai não tem conversa boa (risos). Eu mesma, tenho guardada peças dentro de uma caixa que só quando eu partir que vão ver, porque tenho muito ciúmes, dá trabalho fazer, não posso deixar que outros peguem fácil, ai facilita a vida dos outros demais. Têm que dedicar tempo e saber fazer direitinho. Minha filha mesmo tem a almofada dela, usa alguns moldes que já tenho aqui em casa, só que ela ainda está aprendendo, já começou na adolescência a fazer, ai se for olhar, ela que tem eu em casa demorou a pegar gosto, ai fico pensando naquelas meninas ou até outras senhoras que só vem já depois de anos querer saber fazer. As meninas de hoje só querer o que? Usar os benditos celular, até hoje mesmo eu tava olhando na sala lá da Secretaria de Cultura que tem, ai umas meninas, umas com muito interesse outras só olhando de hora em hora o celular, parece que não tavão lá. A sala acho que deva ter umas vinte, ai tem aqueles mais desenroladas e umas mais devagarinho. Ai tem as senhoras que pararam de fazer a renda ou quando aprenderam só ficaram fazendo em casa, é engraçado, né? Quando aprendem era para ficar mais lá na sala para as outras verem e ficar, mais ai não sei o que é, que somem, o bom é que voltaram.”

ENTREVISTA 8 - Rendeira H

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Boa tarde! Eu aprendi com a minha mãe, só que não foi pequena, não me interessava tanto, só na adolescência que comecei mesmo a me dedicar, aí sim comecei a fazer algumas rendinhas.”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Hoje, eu dedico cerca de alguns minutos ou horas, mais ou menos umas duas horas, mais que isso não dá tempo, eu trabalho durante o dia e aí me sobram as tardes já no finalzinho ou até mesmo a noite, só que ainda tem os cuidados da casa, meu marido ajuda bastante e nosso filho é pequeno o que toma mais tempo ainda do dia a dia para dar conta de quase tudo, uma coisinha ou outra fica para o dia seguinte, aí a renda eu não faço nada de encomenda, somente para fazer a produção de casa mesmo para não perder o ritmo, daí um tempo ou outro que estou praticamente livre eu faço.”

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Como aprendi já tardiamente eu fiquei fazendo as rendas mais fáceis para agilizar o aprendizado, mas, muito curiosa aprendi algumas mais complexas, a que dá muito trabalho é justamente as que tem desenho de traças, essas dão trabalho e demoram para finalizar. Todas têm que ficar padronizada, seguir o molde é importante para ser fiel a nossa peça, até porque minha mãe vai acompanhando a produção. Outro ponto que é interessante ter atenção é a delicadeza das rendas, a linha é fundamental e a almofada é tão quanto, porque é a base para firmeza quando movimentamos rapidamente os bilros.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“Eu compro os materiais ou peço para a minha mãe, daí dividimos tudo e produzimos em casa, ela uma rendeira mais experiente faz peças incríveis, produz em quase todo lugar aqui de casa ou o melhor local para ela e até para mim agora é no sítio, pertinho daqui, quando ela faz renda no sítio é usando a cor de linha vermelha, mas, a maior parte das rendas são na cor tradicional branca. Nesse caso para produção impecável

temos que ter tudo isso aqui (aponta), a almofada, o papelão, os alfinetes, os bilros e a linha, seja essa aqui na cor branca ou até nessa aqui em cor vermelha. Eu tenho a renda na minha casa desde a infância, mas, não me dediquei desde novinha, foi só na adolescência que me interessei, o bom foi que já na adolescência ia com a minha mãe pegar as palhas de bananeira para por dentro da almofada de bilro, aí temos as almofadas com retalhos de pano dentro dela ou as mais comuns, usando as palhas mesmo, e também, um costume que a minha mãe tem é de colocar um pano em cima da renda quando está fazendo para proteger contra poeira, umidade ou sol caso esteja na área de casa, ali na frente. Eu fico com a minha mãe aqui, normalmente nessa areazinha, aí dá para fazer num tempinho, deixo meu filho com meu esposo e ficamos as vezes cantando e as vezes só aproveitando o som das batidas que os bilros fazem. Os moldes que a minha mãe usa são dela alguns e outros ela vai pegar com a amiga que também é rendeira.

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Sim, porque é uma tradição, deveria ser mais valorizada internamente com políticas públicas que servissem para essas rendeiras, minha mãe mesmo faz renda a tanto tempo, desde que me entendo por gente, mas, na maior parte do tempo só vejo em alguns momentos a renda ser mais destacada aqui no município. É preocupante, sabe! Já que se a gente pesquisar a história daqui, de São Sebastião colocam o município com relação direta ao artesanato da renda. Se todos tem essa informação, porque não ter maior visibilidade para essas artesãs, esse trabalho seu mesmo é uma forma de chegar ao conhecimento de outras pessoas, mas, acho que tem um tempo que ninguém fala sobre a renda. A Secretaria de Cultura daqui tem essa carência, não tem uma visibilidade grande, outra coisa, as rendeiras daqui já trabalharam juntas, em associação e tudo mais, só que uma tem problema com a outra e foi se desfazendo, aí não existe mais se for olhar na prática, minha mãe já foi da associação e hoje não é mais, acho que se for falado até é possível ser motivo de briga. Aí, agora tem a Central da Renda no meio da Praça que era o Largo Muniz Falcão, aí agora mudaram até o nome da Praça para Roque Lagoa. Aí nesse caso a renda é importante, mas devia ter pela sua importância maiores incentivos, além disso tem algumas rendeiras que vendem a renda, mas em sua maioria não tem um acervo em casa, acervo não,

um mostruário de peças, porque ou fazem e guardam a sete chaves ou só fazem quando tem encomenda, a maioria dessas encomendas digo pela minha mãe são de pessoas de fora, não é diretamente da nossa terra, não são daqui.”

ENTREVISTA 9 - Rendeira I

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Eu aprendi com a minha avó, que infelizmente faleceu a alguns anos, tenho trinta e dois anos, acho que faço renda a mais de vinte anos, então comecei cedo com cerca de seis anos”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Olhe, eu faço toda a tarde ou quando fazia faculdade diminui bastante, ficava sempre para o final da tarde, fim de semana. Quando terminei, aí sim voltei a fazer renda com mais tempo, mas, antes era coisa de uma hora no máximo. Fazia principalmente para não perder o ritmo ou costume.”

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Essa aí eu não consigo responder com precisão, eu faço de acordo com os pedidos, pego encomendas e faço sem nenhuma cerimônia, só não pego quando quiser para ontem, aí digo logo que não posso, não tenho tempo ou não consigo devido a correria, entre trabalhar e fazer a renda, aí escolho o trabalho como prioridade porque é um salário certo no mês, enquanto a renda fica naquela, entre uma encomenda ali e outra lá, aí num mês pode ter vários pedidos ou nenhum, não dá para fechar uma verba fixa, mas, quando tem pedido é um bom dinheiro, um complemento bom para ganhar. As rendas daqui mesmo, eu e minha mãe fica variando coisa de no mínimo uma semana ou até mais.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“Então, tem aqui dentro (aponta) a palha de bananeira, aí antigamente a gente pegava no quintal das vizinhas que tem terreno grande em casa ou então o pessoal daqui sabe que a gente faz renda e trás vez ou outra aqui para casa. Aí tem ainda, o papelão, esses alfinetes de costura que sustenta a linha, os bilros que são de madeira, por exemplo, já utilizei nas minhas rendas mais de sessenta bilros, encomenda eles com o Seu Serraria. Minha mãe vai lá faz o pedido, as vezes só dela ou de nós duas.”

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Eu sei que sim, só que se for olhar direto, esta faltando algo, se você olhar bem a gente produz de forma independente, ai me considero artesã, minha mãe também quando fazia para vender e assim vai, só que, acho que falta algo para deixar mais visível, normalmente o pessoal de fora vem, faz pesquisa, faz foto, faz vídeo, tem o pessoal da televisão que vem vê e depois fica assim. Ai, para o pessoal da Prefeitura de São Sebastião é uma forma de chamar atenção, mas que eles não dão tanta atenção para a gente, o que me revolta é não ter um apoio direto, não somos tão valorizadas como devíamos.

ENTREVISTA 10 - Rendeira J

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Acho que você deve ter ouvido bastante né? Que a gente aprendeu com a mãe ou com a avó. Eu não sou diferente, aprendi com a minha mãe, faz uns 58 anos, faço renda desde uns seis anos de idade. Ai meu filho faz tempo, viu! (risos).”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Rapaz, como você já sabe, sou professora aposentada, faz um tempinho, daí faço agora se der o dia todo, vou revezando entre as atividades de casa, gosto da roça, quer dizer tenho uma rocinha pequena, ai gosto de cuidar de lá também, nesse caso fico horas e horas fazendo renda, fico na área de casa, no quintal, ali no batente da calçada e assim passa o dia.”

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Vai depender muito meu filho, sabe! Assim, tem renda que leva tempo porque elas são largas, principalmente se for larga, se for da estreita ai leva menos tempo, é mais rápido, se for colocar ai para você saber em metragem, eu faço mais ou menos uns cinco a seis metros por mês, ai vou fazendo de tudo um pouco, faço renda, faço bico, faço aplicações, vendo para quem vem atrás, normalmente quem vem comprar alguma peça de renda usa ela de detalhe em roupas, em coisas de casa, enxoval essas coisas assim.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“Uso a linha, os alfinetes, os bilros, o bom é que tudo a gente encontra aqui, compro ali no Armarinho as linhas, o bilro quando quebram ou estão gastos eu encomendo lá no Serraria e assim vai.”

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Assim, é muito importante não só para o município, mas para nós que fazemos essa renda, porque já passou em rádio, notícia de jornal e em manchete de revista também, então ela é importante, falta sim ter um lugar para dizer é feito exclusivo para fazer renda de bilro, e que nesse local fosse já pronto para usar e ter as coisas para produzir

as rendas, como esses que falei agora a pouco, não só eu como as outras rendeiras sentimos que estamos sozinhas, é uma grande missão manter algo vivo sem ter com quem contar, certo que tem a Secretaria de Cultura, a própria Prefeitura e até do estado também, mas, para chegar a nós é algo muito difícil, ninguém se estrutura ou movimenta para fazer algo pela gente, ai fica cada uma por si. Por isso, quando tinha a Associação, nós tínhamos reuniões, tínhamos os momentos de jogar conversa fora, mas que o tempo foi passando e distanciando a gente. Ai fica mais complicado, por isso que se for olhar direitinho você encontra uma parte das rendeiras aqui nessa mesma rua que eu moro e as outras espalhadas, uma lá e outra mais longe ainda. E não é sonhado em reativar a associação de forma alguma. Esse negócio de trabalho em conjunto aqui, aqui mesmo é muito complicado, por isso, cada uma faz a sua rendinha em casa, tem suas coisas e no máximo tem uma troca do papelão para as rendeiras mais próximas, as que não são amigas, ninguém vai nem cruzar o batente das portas. É a realidade! Pensando também nessa parte de dinheiro, ninguém pense aqui que fica logo rico, porque nem sempre tem encomenda, tem o preço que o pessoal não valoriza, querem pagar pouco, muito pouco mesmo, ai se for olhar bem, como a maioria produz suas rendas sozinhas, uma peça é vendida ainda mais barata dependendo da rendeira, sai ai, digamos a 10 reais no mínimo, ai esquecem do tempo, recebemos elogios, mas não valorizam. Esse dinheiro, eu mesma não conto com ele, tenho minha aposentadoria e ai faço um extra com o que faço de renda, mas, não sobrevivo dela. Não dá mesmo, ao menos para mim. Não sei as outras”.

ENTREVISTA 11 - Rendeira K

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Oh, meu querido, eu aprendi com minha mãe, sendo bem sincera, até usando a almofada dela, sim, foi na almofada dela, era muito bom, ficava brincando e ela bem séria ficava de cara fechada quando mexia nos bilros dela, levava bronca, muita bronca, mas não parava de reinar na almofada dela. Ai, não teve outra, aprendi cedinho a fazer as rendas, ela também aprendeu muito pequena, eu tinha o que?, uns oito anos quando fiz minha primeira peça de renda mesmo, e para deixar claro eu comecei com uns seis anos, então, bem novinha. Tenho tanto carinho pelas minhas rendas, faço elas na almofada que minha mãe me ensinou, na almofada dela, parei de usar mais agora, fiz uma nova, para deixar a dela como lembrança, bem guardada e com a última peça que ela deixou antes de falecer. Minha mãe com muito orgulho que tenho, é a rendeira mais conhecida aqui da cidade. Aqui sou conhecida como Dona Josefa, professora da Escola de Rendas, tenho minhas meninas que já estão aprendendo a arte de fazer renda.”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Então, meu filho, eu fico por horas, mais ou menos o que, umas três horas, ai fico revezando entre o meu trabalho, na Escola das Rendas e fazendo renda em casa. Então, não conto o tempo lá da escola porque estou ensinando, a turma está bem cheia, são alunas novas, tem todo folego para fazer e aprender, se quiserem, são meninas boas. Aqui na Escola de Rendas tem a exibição das etapas em sala, 1ª, 2ª e 3ª, ficam aqui na parede para as meninas aprenderem essa estrutura, respeitosamente a gente zela aqui da sala e de cada almofadas das alunas. Aqui também temos alguns homens que vem fazer a renda, acho que uns dois ao menos na turma. Um vem pela manhã e o outro a tarde.”

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“É bem relativo, porque, vai de acordo com a renda, com o tamanho, largura, se é uma peça curta ou com maior comprimento, ai tem renda que é rápido, vapti-vupt a gente termina, sou bem rápida, já outras, a gente passa dias, semanas ou meses para finalizar. Teve uma que fiz no começo do ano para uma moça que queria uma espécie

de cachecol, esse era estreito, mas comprido, levou um tempo bom, porque era com o tipo de renda traça, aí demora, é um gasto de linha e haja coluna e vista. E como era uma peça única, só foi fácil de terminar porque era estreita, mas me tomou um tempão. E tenho que dizer que não usei emendas de costura, foi tudo direto aqui na minha almofada.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“Eu uso a almofada, aqui como essa, na minha casa, aí tem o papelão, tem os alfinetes, tem as linhas que compramos, e aqui essa banqueta, quer dizer eu uso esses banquinhos em casa para por a almofada em cima, tem uma boa segurança para trabalhar os bilros, que também é a peça principal para fazer a renda, aí não tem como dar errado, se tiver tudo isso, já é um excelente caminho, depois vem o seu tempo, a dedicação e o jeito que você vai trabalhar, nessa parte é cada uma por si, porque depois que uma rendeira começa a fazer as peças a renda vai tomando forma facinho, tem rendeira aqui mesmo que não inicia a renda porque não sabe, aí eu mesma faço o começo e elas continuam, é bom e ruim essa parte, porque se olhar direito tem algumas conhecidas que vem e feita essa parte as vezes tô em casa ou aqui na escola, e fica nessa inicia aqui, faz aqui e depois de feito o começo da renda somem, o bom é que nesse tempo elas ficam aqui comigo ou lá em casa, tomamos um café ou eu vou na casa delas, as vezes já escurecendo o dia ou a noite, aí precisa na casa delas umas lâmpadas bem forte, uso óculos já pelo tempo de fazer renda, acho que forcei as vistas, não sei, porque sou bem perfeccionista, gosto das coisas bem feitas, se tiver uma linha meio torta já fico aperreada. As vezes até paro, respiro e depois retorno.”

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Veja só, a cidade daqui, é conhecida como São Sebastião – Terra das Rendas de Bilro”, só que é muito complicado você dizer isso, sabe porque?, porque não é o município todo que faz, não tem muita rendeira, não tem mais a associação que funcionava aqui (aponta para direção que era a associação e hoje é uma casa), e depois o pessoal de fora vem e faz essas pesquisas, querem saber e a gente não pode mentir, se não tem tanto incentivo a gente vai ficar igual, acho eu! Que igual a

Arapiraca, você sabe que lá era chamado de “Terra do Fumo”, hoje se você pesquisar lá, nem sabem direito o que é fumo, eu fico preocupada em manter essa tradição, as nossas rendeiras mais antigas, como eu, a mãe de algumas amigas e minhas amigas, já vemos as nossas famílias não quererem nem tocar nas almofadas, acham lindo os outros fazendo, se pedir para elas, algumas já vão logo embora (risos). Mas, é isso, fazer o que dá, tenho consciência que estou indo bem, as meninas daqui da turma, fazem as rendas boas, então já é uma forma de prolongar um pouco dessa arte, desse artesanato, né? Porque se eu aprendi com minha família, minha mãe mesmo, aí as outras estão aprendendo aqui, comigo, é uma missão grande, não dá para deixar para amanhã ou depois, o amanhã só pertence a Deus, então, se estou aqui, tenho que fazer por onde dar certo.”

ENTREVISTA 12 - Rendeira L

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Foi com minha mãe, ai desde cedinho, eu era pequena, criança assim com os meus cinco anos, ai já comecei”.

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“Eu faço durante o dia praticamente todo, fico lá na Central da Renda agora, tem o mostruário que ficam algumas peças, exibidas para os visitantes da cidade ou até para o pessoal que deseja comprar do município, tem uma ótima relação aqui com a Prefeitura e a Secretaria de Cultura, ai dá para produzir aqui, tem boa iluminação, só o que eu não gosto desse espaço é a localização, vai de boa a ruim muito rápido (para e pede atenção ao som), essa construção da Central é literalmente no centro, ai fica aqui no meio de uma praça, atrás tem essa loja de chocolate e na volta tem as lojas que vendem de tudo, roupa, farmácia, loja de calçado, ai tem a lotérica, entre outras coisas, ai isso não faz barulho, quer dizer quando estão anunciando também usam som, microfone, música. Ai por isso, também ainda tem o movimento ai de carro, moto, ai tem umas que fazem bastante barulho, olhe que aqui seria perfeito é muito, muito iluminado, mas mesmo assim, não é tão perfeito pelo barulho, lá na Secretaria de Cultura, tem a sala da Escola de Rendas, ai tem uma turminha boa de manhã outra a tarde. Aqui, vem uma rendeira ou outra para fazer a renda, não junta muitas, sempre fica eu e no mais tardar umas outras duas.”

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Eu tenho uma boa produção no mês, acho que vai mais de uns dez metros, é muita coisa para uma peça que pode ser grande, média ou pequena. Ai não sei ao certo, mas, usando as linhas tem minhas medidas, sei que são muitas linhas, muitos rolos vão para o lixo, porque produzo bastante. Aceito encomenda, faço para deixar em casa, minhas peças na maioria não uso costura, somente a linha e o bilro na almofada. Nada de remendo, nada de agulha. Tira a delicadeza da peça.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“Eu uso a linha, o alfinete, uso até espinho para prender uma coisinha ou outra aqui

na almofada, mas, principalmente os alfinetes, esses são bem fininhos, os espinhos apesar de dar para trabalhar eles são um pouco mais grosseiros, aí tem a almofada, tem o suporte e tem ainda o papelão, aí começa as primeiras linhas para fazer os modelos na almofada. Como costumo não usar emendas, tudo é feito na almofada, ela é bem resistente.”

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Sim, a renda é muito, muito importante para o povo daqui, sendo daqui eu cresci ouvindo e vendo minha mãe fazer e produzir renda, as vizinhas e as amigas dela também todas vinham na casa da gente, quando a mamãe era viva para aprender ou fazer renda juntas, então é um artesanato que ainda dá um dinheirinho para casa, mas, dá principalmente a junção de vidas, quando eu era pequena sempre via as amigas da mamãe fazer renda no quintal de casa, ela sempre deixa um bom café prontinho e eu ou minha irmã ajudávamos a fazer um bolinho para ter o que mastigar, depois só ficávamos quando pequenas mesmo só olhando e ouvindo o som dos bilros, que é único, ainda tinha as músicas que elas cantavam, as fofocas que eram ditas nessa hora, era muito bom, tempo que não volta.”

ENTREVISTA 13 - Rendeira M

1 – Quem te ensinou a fazer renda e quanto tempo a faz?

“Ah, meu filho faz tempo viu, eu aprendi com minha mãe, tinha mais ou menos uns oito anos, aí toda a família faz a renda de bilro, minhas irmãs e eu, aí passamos para nossas filhas ou netas também, para não deixar sair da família, porque a gente vai envelhecendo e as coisas da gente ficam, então essa parte tem que ser feita pelas meninas que são aí mais novas, com as vistas boas. Graças à Deus. Mais assim, da família toda só faz eu e uma irmã, as outras pararam a um tempinho. No caso, minha mãe quando fazia renda ela era bem rápida, aprendi com ela e ela não faz renda até por conta da visão dela, ela tinha perdido a visão de um olho a um tempo e depois ficou com o outro comprometido, aí deve ter ficado menos de 50% para ela ver o mundo, aí teve que parar. O que eu sei e minha mãe conta bastante é que ela aprendeu com a mãe dela, e assim por diante, a minha avó já aprendeu com a minha bisavó e assim por diante. É algo da família, é hereditário, passa de uma para a outra, de uma vizinha para outra que acha bonito (risos). As vezes o pessoal pergunta como foi que a gente aprendeu, eu digo logo que foi com a minha. Uma rendeira de mão cheia. Agora pergunte se sei como chegou aqui em São Sebastião, nunca que soube da história. Sei que aqui é uma renda bem bonita, delicada e é diferente das da capital ou de outros estados. Tem os tipos, né meu filho!? Cada uma sabe o que tá fazendo.”

2 – Quanto tempo de seu dia é dedicado a produção da renda?

“É todos os dias eu faço um pouco, toma tempo, bastante tempo, mas não deixo de fazer, o dia é cumprindo se eu não fizer um pouquinho, é uma terapia boa, se durante o dia eu não fizer, eu faço a noite, mas tenho esse compromisso, aí vai depender do dia mesmo, porque tem dia que faço uma hora, duas ou mais, no mínimo é um hora, porque dá para produzir alguma coisa, antigamente quando trabalhava eu fazia essa mais a tarde ou início da noite, chegava cansada, não dava para fazer muita coisa, mas fazia. Hoje, Graças à Deus, sou aposentada, tenho uma pensão por doença, aí fico só com a pensão e minhas rendas, tô praticamente só fazendo renda mesmo, é bom demais. Agradeço a Deus todos os dias.”

3 – Qual a quantidade de renda produzida durante um mês?

“Acho que produzo muito, se for em metro ao menos uns dez mensal, sou bem dedicada, tem tempo para renda, tempo das coisas de casa e assim eu tiro o dia, se for olhar tem peça que demora muito para ser feita, outras rápidas porque são pequenas. Gosto de fazer as coisas de casa, passadeira, que o pessoal conhece por caminho de mesa, capinhas para decoração, bicos para por nas bordas de panos de decoração, fica lindo. Minha irmã mesmo fez uma colcha grande, mais grande mesmo, na cor vermelha, acho que nenhuma outra rendeira fez uma peça tão grande, tinha no final 2.30 metros de comprimento por 1.90 de largura. Ela usou a linha vermelha da marca Esterlina, número 10. Ela é mais grossa que a linha de número 20.”

4 – Quais os materiais utilizados para a produção da renda?

“A almofada eu mesma faço, minha irmã também faz a dela, os bilros depende muito, tem bilros que guardo que são da mamãe, não uso porque são bem gastos, a gente quando era pequena ia com a mamãe pegar palha de bananeira, e ela chegava a fazer os bilros dela também, usava uns paus que chamam de araçá de bilro, aí o pessoal já sabia que era para o bilro, hoje, tem só o senhor lá na serraria que faz, a gente compra por exemplo, uma dúzia, dá o que? Seis pares só, tem renda que eu faço e chega a usar mais de cinquenta bilros, aí cada dúzia comprada é em média de cinquenta reais, se for uma renda grande tem que investir um pouco do dinheiro na compra dos bilros. A linha eu e minha irmã compramos aqui na cidade, no Armarinho ou até lá em Arapiraca se aqui não tiver. Porque, tem a gente que compra a linha que é da marca Esterlina, número 20, de algodão, aí fica dividido entre as rendeiras e o pessoas das confecções que comprem também para costurar. E tem o papelão, a gente usa ele para dar forma ao desenho da renda, dependendo de onde a pessoa está tem outros nomes, tem lugar que chama de gráfico, tem outro que chama de risque. A almofada já falei. Tem os grampinhos, esses bichinhos aqui, minha mãe chegou a fazer renda usando alfinete, mais antes deles ela usou ainda os espinhos de laranjeira para segurar as linhas, segura o papelão também.”

5 – A renda de bilro, em sua opinião é importante para o município de São Sebastião?

“Eu acho que para o município não deve ser muito, agora para a gente que faz é e

muito importante, o pessoal aqui não é de ajudar. Saindo daqui se você for atrás de peças de renda, você pode achar agora na lojinha ali do centro, mas, assim, acho que nem vendem ou se vendem eu não sei, nunca fui. É muito triste, porque para deixar os visitantes ver não tem peça, não tem lugar para todas expor as suas rendas. A Associação não existe mais, procure aí que você não acha. Digo mesmo!!! Aí tem a Vânia que vende para a Martha Medeiros, tem rendeira que faz ai fica se achando porque vendeu para esse pessoal, mas, uma vez pedi para minha filha olhar na internet o preço que vendem fora, quando olhamos fiquei besta, surpresa, aqui as rendas são vendidas baratinhas, depende do tamanho claro, dez, vinte, trinta pra cima e lá fora chega a ser vendido a mais de mil uma roupa ou algum detalhe de casa. Fiquei muito triste, mas não pode fazer nada. Os grandes daqui de São Sebastião sabem que é importante até para eles.”